

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ALEGRIA, AUTONOMIA E CUIDADO NA ESCOLA:
A EXPERIÊNCIA DA OFICINA “CORPO E MOVIMENTO”**

FRANÇOISE REJANE MONCADA

**BRASÍLIA, 2014
FRANÇOISE REJANE MONCADA**

**ALEGRIA, AUTONOMIA E CUIDADO NA ESCOLA:
A EXPERIÊNCIA DA OFICINA “CORPO E MOVIMENTO”**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. *Fátima Lucília Vidal Rodrigues*.

Comissão Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a. Dr.^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Membro)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof.^a. Dr.^a. Patrícia Lima Martins Pederiva (Membro)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

MONCADA, Françoise Rejane.

**ALEGRIA, AUTONOMIA E CUIDADO NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DA OFICINA
“CORPO E MOVIMENTO” /Françoise Rejane Moncada: Brasília: UnB. 2014.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2014. 84p.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Agradeço à dança da Vida que em seu movimento me levou ao universo da educação, às suas alegrias e angústias, permitindo que nesse fluir eu me conheça mais e mais a cada dia.

Agradeço à minha querida família, minha base. Aos meus queridos avós Cláudio (in memória) e Cecy, minha mãe Heloísa e em especial minha irmã Patrícia, sempre presente me apoiando e auxiliando.

Minha gratidão ao meu namorado, Sidney Dourado, por ter me apoiado e incentivado a realizar este trabalho. Grata pela compreensão, carinho e pelas palavras de força quando precisei.

Gratidão à minha querida amiga Orla, pelo grande auxílio na realização deste trabalho. Um anjo que apareceu no momento certo!

Agradeço aos meus amigos do coração por acreditarem em mim, sempre me incentivando a crescer!

Sou muitíssimo grata a minha orientadora, Fátima Rodrigues, que com sua sensibilidade me levou ao encontro da Alegria, Cuidado e Autonomia, riquezas no desenvolvimento do ser. Grata pelo apoio, carinho e amizade.

Grata à minha querida parceira de oficinas, Daniele G.Prandi, por ter vivido junto comigo essa grande experiência, com alegria, disposição e verdade.

Grata à Universidade de Brasília, a todos que contribuem para que se dê a magia da construção do conhecimento. Aos servidores, aos colegas, mestres e maestrinas pelos diálogos, trocas, doação e amor. Grata à Vida pelos amigos que cativei e me cativaram nessa (de)formação acadêmica. Muito queridos a mim!

Minha gratidão aos colegas do Projeto Autonomia. Que a gente possa continuar semeando novas práticas inovadoras, por onde a vida nos levar. A quem tudo

iniciou: pais da Vivendo e Aprendendo e educadores conspiradores, em especial: Fátima L. V. Rodrigues, Maria Alexandra M. Rodrigues, Simone G. de Lima e Regina L. S. Pedroza.

Agradeço à Escola Classe que abriu suas portas para nós, conspiradores autonomistas, permitindo que levássemos um pouco do que acreditamos para a educação.

***“o princípio e o fim da educação deveria ser a
compreensão da vida e compreender a vida
é compreendermos nós mesmos.”***

Krishnamurti J.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um ano de prática educativa, observações, registros e reflexões da relação educador-educando em uma escola pública do Distrito Federal. Seu objetivo é investigar de que forma podemos caminhar para a constituição de sujeitos autônomos, apoiados na potencialização da Alegria e do Cuidado. Para tal, busco estes conceitos nos trabalhos de Spinoza (2002), Freire (2013), Boff (1999) e Pacheco (2001), contrapondo-os a ideia de corpos dóceis de Foucault e a práticas tradicionais na educação. A pesquisa estruturou-se a partir dos encontros da oficina Corpo e Movimento como espaço para a construção da Autonomia, Solidariedade e Corresponsabilidade. Nesse sentido, as oficinas se apresentaram como um meio para a construção de alguns Dispositivos Pedagógicos. Baseada na abordagem qualitativa, a pesquisa traz relatos do diário de campo como instrumento para se pensar a práxis educativa em relação dialógica com o aporte teórico. Ao fim da pesquisa constatamos que os usos destes dispositivos pedagógicos alinhados a uma postura ética do educador potencializam a constituição de sujeitos mais libertos e autônomos.

Palavras-chave: Alegria, Autonomia, Cuidado, Corpos Dóceis, Dispositivos Pedagógicos.

RÉSUMÉ

Ce travail est le résultat d'une année de pratique de l'éducation, des observations, des dossiers et des réflexions de la relation enseignant-élève dans une école publique dans le District Fédéral. Votre but est d'étudier comment nous pouvons progresser vers la création de sujets autonomes, soutenue par la potentialisation de la Joie et de Soins. À cette fin, je cherche ces concepts dans les œuvres de Spinoza (2002), Freire (2013), Boff (1999) et Pacheco (2001), s'opposant à l'idée de corps dociles de Foucault et les pratiques traditionnelles en matière d'éducation. La recherche a été structurée à partir des réunions de l'atelier et le mouvement du corps comme un espace pour la construction de l'autonomie, de la solidarité et de co-responsabilité. En ce sens, les ateliers ont été présentés comme un moyen de construire des dispositifs pédagogiques. Basé sur l'approche qualitative, la recherche apporte des rapports de terrain journal comme un outil de réflexion sur la pratique éducative en relation dialogique avec le cadre théorique. A la fin de la recherche, nous avons également remarqué que les usages pédagogiques de ces dispositifs alignés à un éducateur éthique potentialisent la constitution de sujets libres et autonomes.

Mots-clés: Joie, Autonomie, Soins, Corps Dociles, Dispositifs Pédagogiques.

ABSTRACT

The present work is the result of a year of educational practice, observations, records and reflections on the teacher-student relationship in a public school in the Federal District. The main goal is to investigate how it is possible to move towards the establishment of autonomous individuals, supported by the development of Joy and Care. To this end, I seek these concepts in the works of Spinoza (2002), Freire (2013), Boff (1999) and Pacheco (2001), opposing them to the idea of Foucault's docile bodies and traditional practices in education. The research was structured based on the meetings of the workshop Body and Movement as a space for the construction of Autonomy, Solidarity and Co-responsibility. In this sense, the workshops were seen as a means to build some Pedagogical Devices. Based on the qualitative approach, the research presents reports of field diary as a tool for thinking about the educational praxis in a dialogic relationship with the theoretical framework. By the end of the research, we have found that the use of these pedagogical devices aligned with an ethical posture from the educator enhance the constitution of freer and more autonomous individuals.

Key Words: Joy, Autonomy, Care, Docile Bodies, Pedagogical Devices.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	7
RÉSUMÉ.....	8
ABSTRACT.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE I.....	12
MEMORIAL.....	13
PARTE II - MONOGRAFIA.....	21
INTRODUÇÃO.....	22
CAPÍTULO 1 - O PROJETO AUTONOMIA E A OFICINA CORPO E MOVIMENTO.....	24
CAPÍTULO 2 - O PROCESSO DE COMO FAZER A METODOLOGIA DO TRABALHO.....	30
CAPÍTULO 3 - CONCEITOS NORTEADORES.....	34
3.1. POTENCIALIZANDO AÇÕES DE ALEGRIA.....	34
3.2. O CUIDADO COM O OUTRO.....	41
3.3. EXPERIÊNCIAS DE AUTONOMIA.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
APÊNDICES.....	56

APRESENTAÇÃO

Este trabalho final de curso se divide em duas partes, são elas: meu Memorial Educativo no qual apresento a trajetória educacional que me constitui como educadora e pesquisadora neste momento. Nessa parte apresento ainda minhas perspectivas futuras. A seguir trago as curiosidades, diálogos e proposições que se transformaram em questões de pesquisa, em forma da presente Monografia.

A Monografia se divide em Introdução, três Capítulos, Considerações Finais, Referências Bibliográficas e por fim, os Apêndices.

A Introdução traz a questão problema, base para a elaboração do presente trabalho, junto ao meu Objetivo Geral, respondido a partir da análise de três Objetivos Específicos.

O Capítulo 1 apresenta o que é o Projeto Autonomia. Sua origem, inspirações, princípios norteadores e atividades desenvolvidas durante o ano no qual participei como aluna extensionista e espaço de Estágio Supervisionado Obrigatório. Também apresenta a Oficina Corpo e Movimento.

O Capítulo 2 apresenta a Metodologia utilizada na realização desta pesquisa. De que forma se deu a entrada na escola pública e descrição do lócus. Optamos por trazê-la antes do referencial teórico, para que o leitor possa compreender o movimento teórico realizado no capítulo três.

O Capítulo 3 traz a análise de fragmentos do diário de campo em relação dialógica com os conceitos norteadores deste trabalho: Alegria, Autonomia e Cuidado.

E, em seguida apresento as Considerações Finais com alguns argumentos para esse momento histórico da presente pesquisa e as questões que me remetem a seguir pensando uma prática pedagógica inovadora dentro da escola e fora dela.

PARTE I

MEMORIAL

Filha de pai francês e mãe brasileira, nasci no dia 28 de fevereiro de 1983 em uma cidade e comuna no nordeste da França chamada Chalôns sur Marne, atualmente rebatizada, Chalôns en Champagne. Aos três anos de idade após, a separação dos meus pais, mudei-me para o Brasil com minha mãe e irmã onde fomos morar com os meus avós maternos, em Brasília. Além das memórias guardadas da infância, sobretudo olfativas, carreguei comigo os ares da França, o belo idioma francês e a tristeza inconsciente do distanciamento de meu pai. Nossa primeira residência foi em um apartamento na 215 Norte. Eu e minha irmã Patrícia falávamos mais em francês do que em português, o que segundo minha mãe, Heloisa, não era um empecilho na comunicação com as amigas do bloco.

Freqüentei primeiramente em Brasília, por um ano, a escola francesa. Depois disso passei três meses na Escola Classe 302 Norte. Na ocasião ocorreu uma greve dos professores e minha mãe optou por nos transferir de escola para não atrasar o período de alfabetização da minha irmã. Fomos para o Sementinha onde fiz a pré-escola. Eu já não falava mais em francês e por mais que minha mãe quisesse manter a língua paterna, eu só a respondia em português.

Em 90 entrei na primeira série no Colégio Imaculada Conceição – Irmãs Passionistas, na 606 sul. Era uma escola enorme comparada com a anterior, com grandes quadras de esporte e espaços para correr e brincar. Eu adorava a matéria de Geografia. Minha mãe costumava estudar comigo em casa, me contando histórias como se estivéssemos viajando por lugares diferentes. Ela conta de uma viagem que fizemos para Bahia onde passamos por uma região de Quilombolas e eu perguntava e falava bastante, lembrando de histórias que tinha estudado na escola. Sempre que podia, escalava grades e lugares que pudesse subir. Entrei na natação, mas não gostava porque sentia muito frio. Certamente me faltavam algumas gordurinhas para me aquecer. Não tenho muitas lembranças da sala de aula. Lembro de alguns machucados que ganhei nas brincadeiras, nos jogos com bola na quadra de esporte com crianças mais velhas, no pátio cantando, de um galo enorme no meio da testa quando fui com o rosto na barra de ferro e uma professora tentando pressioná-lo com uma faca. Eu era muito fechada, introspectiva, mas adorava brincar. Não gostava de falar dos meus sentimentos, mas gostava de viver as coisas. Meu sonho, à época, era ter uma perna a mais que saísse bem do meio do

meu corpo e eu pudesse me balançar e girar com os dois braços e as duas pernas no ar.

Em 92, minha família se mudou para uma casa no lago Sul. Continuei no Colégio Imaculada até concluir a terceira série e em 93 passei a estudar no Centro Educacional Fênix, na QI 19. Entrei na quarta série, atual terceiro ano e continuei até concluir o Ensino Médio. Os anos no Fênix foram difíceis por diversos problemas familiares que estava vivendo. À medida que ia crescendo e amadurecendo, me fechava cada vez mais e com isso sentia muita dificuldade para participar nas aulas. Não assimilava os conteúdos, o que fazia crescer em mim o sentimento de incapacidade e vergonha. Foi um período de muita timidez e introspecção. Final do ano eu estava de recuperação sempre nas mesmas matérias: Matemática, Física, Química, História e Geografia. Então, estudava bastante, às vezes com professores particulares e passava de ano com notas altas. Lembro que gostava muito de Artes, Espanhol e de Educação Física. Em uma ocasião, já nos últimos anos do Ensino Médio, fiz uma prova simulado para o PAS (Programa de Avaliação Seriada) e escolhi francês como opção de Língua Estrangeira, pois no inglês não compreendia praticamente nada e apesar de gostar de espanhol, achei que teria mais chances com o francês. Quando saiu o resultado da prova, meu professor me chamou à frente para pegar minha prova e disse para a turma toda: “Como pode uma pessoa se chamar Françoise e tirar uma nota tão baixa em Língua Francesa”. Não preciso dizer como me senti. Infelizmente guardo do ensino fundamental e médio mais lembranças ruins do que boas, apesar disso, é todo um caminho que vem construindo meus valores e minha forma de ser na vida com as pessoas.

E, a vida continua! Quando concluí o 2º grau, não tinha a menor ideia para qual curso tentar o vestibular. Conversei com minha mãe e pedi para ir morar algum tempo na França com o meu pai, Jack. Foi o que aconteceu, mas não exatamente como imaginei. Meus planos eram de entrar em alguma escola para aprender exclusivamente o francês e o que consegui foi um retorno ao Lycée, o que correspondia ao 1º ano do 2º grau no Brasil. A filha de um amigo de meu pai estava passando por dificuldades na escola e decidiram me colocar junto com ela para tentar ajudá-la. A ideia do retorno ao colégio era terrível, mas não tive opção. Na aula de Religião, precisava ficar de pé, quase que em posição de sentido e repetir até decorar o significado da palavra, Bíblia. Nunca vou me esquecer: *Livre sacré de la religion cretien qui contien le nouveau e l’ancien testament*. E este é apenas um

exemplo. O que realmente me encantava eram as aulas de Artes e Ginástica. Badminton, corrida, circuitos... era um prazer. As outras aulas eram o de sempre: aulas expositivas, cópia no caderno e exercícios para responder. Os professores não ligavam para mim, com exceção do professor de Religião. Fiquei na escola por três meses e pedi outra opção para meu pai. Nesse período ele estava morando em Strasbourg por causa do trabalho (médico militar) e eu estava morando em Metz com sua mulher e o filho deles, Julien, com 8 anos de idade. Minhas opções: ou eu continuava na escola ou, eu voltava para o Brasil. Minha escolha? Verde e amarela, com uma boa dose de decepção por não ter visto no meu pai o interesse pela minha permanência.

Voltei e na ocasião uma amiga foi se inscrever para o vestibular na Unieuro e eu embarquei na mesma tendo em vista que esse era o passo seguinte nos meus estudos. Lembro estar com os papéis nas mãos tentando escolher naquele momento algum Curso. Escolhi Turismo. Uma escolha feita dessa forma tem grandes chances de não ser bem sucedida e foi exatamente o que aconteceu. Com seis meses abandonei o curso. Daí para frente, passei a pensar com mais seriedade no que gostaria de fazer. Sempre dizia que queria trabalhar com algo que envolvesse o corpo. Adorava tudo relacionado com terapias alternativas, esoterismo e massagens, nada que se estranhe em uma pisciana. Pesquisei um pouco os cursos que pudessem me oferecer algum contato com o corpo e a escolhida da vez foi a Fisioterapia. Teria aulas inclusive de Massagem no decorrer do curso. Comecei a cursar. Tive aulas muito interessantes de Anatomia e muitos corpos dissecados para estudar, à base de muito formol,mas ainda não era isso. Mais seis meses e deixei para trás.

Em 2005 soube de um Curso Técnico em Massagens Terapêuticas com duração de 1 ano e 6 meses realizado pelo Instituto de Terapias Tradicionais Integradas de Brasília. Foi um período muito importante na minha vida, de autoconhecimento, de cuidado e respeito com o meu corpo e o corpo do outro.

Em seguida, trabalhei com a Massagem e outras terapias como o Reiki, trabalhei com artesanato e passei por um período de algumas viagens no Brasil e na Europa, inclusive revisitando meu pai na França.

Com o tempo, voltei a pensar em fazer uma Graduação. Essa ideia foi amadurecendo dentro de mim até que decidi tentar o curso de Artes Cênicas, na UnB. Essa escolha passava pelo mesmo interesse de trabalhar com o corpo.

Descartei o curso Terapia Ocupacional por me remeter muito à Fisioterapia e cursar Educação Física também não me dizia muita coisa.

Fiz seis meses de cursinho pré-vestibular e não por acaso, perdi o dia de inscrição da prova específica da Cênicas. Era o vestibular do meio do ano e não queria esperar mais seis meses para tentar novamente. Pedagogia era uma boa opção pela nota de corte e por eu gostar da área de Educação. Uma educação ou auto-educação que já via acontecer em todo e qualquer espaço de troca. Foi muita felicidade quando recebi o resultado porque era realmente uma escolha feita pelo meu querer e amadurecimento. Pensava em começar na Pedagogia e transferir para as Cênicas. Com pouco tempo eu já estava envolvida com o curso e fui naturalmente abandonando a ideia da transferência.

No primeiro ano de UnB, bastante intenso com atividades extra-acadêmicas, concluí o curso na Aliança Francesa, participei do II Festival Mundial da Paz realizado em Goiânia, participei da Oficina Teatrando no Espaço Cultural Renato Russo e, do V Encontro de Educadores Ambientais do DF. Além disso, foi um primeiro semestre de contato com professores muito especiais na minha trajetória acadêmica, como a professora e amiga Rosângela Azevedo Corrêa, com quem tive aulas de Antropologia e fiz posteriormente o Projeto 3 fase 1 e 2, do qual falarei mais adiante, o querido professor Armando Veloso, com as aulas maravilhosas de Oficina Vivencial e Fundamentos da Educação Ambiental com Vera Catalão, professora que propõe a inspiradora Ecopedagogia da Água. Assim foram os semestres seguintes, igualmente importantes pelo encontro com professores sensíveis e inspiradores.

No primeiro período de 2010, tive meu primeiro encontro com a professora e orientadora deste trabalho, Fátima L. V. Rodrigues, por meio da disciplina *O Educando com Necessidades Educacionais Especiais*. Busquei novas experiências para além da FE e na Música alimentei meu corpo com aulas de *Canto Coral*. Iniciei também o Projeto 3 na área de Ecologia Humana, campo que trás a importância de transformarmos a nós mesmos, nossas ações para só então, buscarmos transformar o social e o ambiental. Nesse percurso, tive a oportunidade de estar por um ano com professoras e crianças de duas escolas públicas da Estrutural, que teve como tema na sua primeira fase, “A Transformação da saúde sócio-ambiental na Estrutural a partir da Educação para a Paz”. As oficinas direcionadas para as professoras tratavam o *Pacto de Convivência na Escola e Reciclagem dos papéis internos e externos*. Na segunda fase do Projeto, nós extensionistas realizamos oficinas nas

escolas, tivemos atividades de plantio junto com as crianças no Parque Urbano da Estrutural, aprofundamos nossos estudos e buscamos divulgar o Projeto pelos meios de comunicação. Primeira experiência de extensão em pesquisa - ação.

O ano de 2010 também foi muito importante, pois iniciei a formação em Dançaterapia, método criado pela argentina Maria Fux. A base do método está em movimentos simples, em propostas muito claras, um percurso gradual e definido e um apoio na música para que todo o corpo possa encontrar uma expressão que é individual. Algumas das atividades que realizei durante a graduação foram inspiradas e orientadas pelos encontros dessa formação extra-acadêmica.

O início de 2011 ganhou novas cores com o estágio na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, uma escola de Educação Infantil. Oito meses de intenso aprendizado com sete pequenos e uma grande parceira, a educadora e minha amiga Wilma Dutra. Novamente estava presente aqui, nessa fase importante da minha vida, a professora Fátima Rodrigues, quem me falou da seleção de estagiários na Associação, um lugar que ela dizia ter a minha cara! Sem eu imaginar, essa rica experiência seria minha porta de entrada para o Projeto Autonomia.

Próximo passo então, Projeto 4. Tinha a opção de continuar na área de Ecologia Humana com a professora Rosângela, mas continuava motivada internamente a buscar na Educação algum projeto que me envolvesse mais diretamente com as práticas corporais. (O Projeto 3 também poderia me levar por esse caminho, mas sentia que devia experimentar algo novo). Busquei na lista de ofertas algum nome que chamasse minha atenção. Diálogos com Experiências Pedagógicas Inovadoras, uma de suas orientadoras, Fátima Rodrigues! Fiquei super entusiasmada e fui logo procurá-la. Se ali eu não encontrasse o que estava buscando talvez ela pudesse me orientar por algum caminho. Contei para a Fátima das minhas aspirações e ela me disse que naquele semestre uma de suas alunas, Daniele G. Prandi iniciaria as Oficinas de Dança com crianças de uma escola pública e sugeriu que fizéssemos uma parceria se ela estivesse de acordo. Ela topou e no nosso primeiro encontro sugeri que ampliássemos o tema, trabalhando com corporeidade, em um sentido mais amplo e não apenas com a Dança. Juntas, decidimos que a Oficina levaria o nome, *Corpo e Movimento*. Mencionei anteriormente que o estágio na Associação seria a minha porta de entrada neste projeto, pois este possui como pré-requisito o Projeto 3, base de estudo de práticas

pedagógicas inovadoras, entra elas a escola na qual estagiei. Por orientação das professoras Fátima Rodrigues e Maria Alexandra M. Rodrigues, iniciei o Projeto 4 fase 1 conjuntamente com o Projeto 3 fase 3 onde se deu o espaço de estudo dos princípios que orientam a busca por uma educação autônoma e transformadora. Dedicarei um capítulo deste trabalho à apresentação do Projeto Autonomia. Minhas percepções, o que vivenciei e aprendi durante um ano no projeto, trarei como objeto de construção no decorrer deste trabalho. Aqui, destaco dois momentos especiais na minha trajetória no Projeto Autonomia. O primeiro deles foi o convite da professora Fátima para eu e Dani (apelido carinhoso da minha parceira Daniele G. Prandi) oferecermos a Oficina Corpo e Movimento para as alunas do Projeto 3, fase anterior às intervenções nas escolas, como mencionei anteriormente. O objetivo foi de mostrar o trabalho que estávamos desenvolvendo na escola e contar um pouco das nossas experiências. O segundo foi minha participação na Semana de Extensão da UnB, em 23 de outubro de 2012, onde conduzi a Oficina junto com a Bruna (também extensionista do Projeto) para aproximadamente 25 pessoas. Lembro que essa condução re-animou minha vontade de trabalhar com as oficinas de corpo. Explico: Após um breve recesso na escola em que estávamos atuando, reavaliamos a vontade de nósicineiros continuarmos ou não ofertando as mesmas oficinas e na ocasião, a Dani, minha parceira na Oficina Corpo e Movimento, mudou para a Oficina Perguntas e Idéias. Então, juntei-me com a Luana e o Felipe nas Oficinas Ateliê Criativo e Contação de Histórias. Essa nova e rica parceria permaneceu até o Projeto entrar em outra escola.

Nessa nova instituição acompanhei uma turma do 2º ano auxiliando em sala com a construção de alguns dispositivos pedagógicos. Nesse período, a escola promoveu a Semana da Vida e nósicineiros do Projeto Autonomia fomos convidados a participar. Minha escolha não seria outra, Oficina Corpo e Movimento. Minha parceira, Kellen, ficou doente e com isso me vi “sozinha” conduzindo um grupo de aproximadamente 20 crianças entre 6 e 11 anos. A Heloísa se juntou a mim no dia, mas não deixou de ser um grande desafio. Levei uma dinâmica que trabalhava concentração, memória, criatividade e o principal, o movimento do corpo como expressão de cada um.

Nessa linha, no que considero importante na minha formação, tendo em vista uma busca pessoal por experiências de autoconhecimento por meio das práticas corporais, no primeiro semestre de 2013, fiz a disciplina *Corporeidade* com o

professor Marcelo de Brito, conhecido por Kapish. Nossos encontros eram regados das mais diversas percepções através dos sentidos; banho no lago, subidas em árvores, massagens, meditação, chakras, degustação da mistura de alimentos exóticos que traziam a experiência do novo e da entrega e muitas outras dinâmicas voltadas para a ampliação da consciência individual.

No semestre seguinte, 2º/2013, dei continuidade a esse trabalho e entrei no Curso de Extensão, ainda com o Kapish, chamado *Consciência Corporal e Desenvolvimento Humano*. A experiência foi muito interessante, tinha como caráter interdisciplinar pessoas de diversos cursos reunidas no Centro Olímpico, nas segundas e quartas feiras. Os encontros começavam por volta de 19h50min e terminavam geralmente depois das 23hs. Esse curso surgiu a partir do projeto Movimento, iniciado no ano 2000 e desde então, permanece aberto à livre participação da comunidade.

Diante desta trajetória educacional e principalmente, da minha motivação em percorrer caminhos que busquem a constituição de um corpo mais liberto e autônomo, encontrei nos princípios que norteiam o Projeto Autonomia e na práxis das Oficinas *Corpo e Movimento*, o espaço e base para investigação da minha pesquisa: como a experiência das oficinas de Corpo e Movimento potencializa ações de cuidado, alegria e a constituição de seres autônomos?

Acredito que esta investigação seja relevante, pois conhecemos o mundo no qual vivemos, que fragmenta e nos afasta do fluxo natural da vida. Os corpos são docilizados, desviados da capacidade de sentir, entender e agir de forma integrada. A educação deveria investir o seu fazer com mais cuidado e alegria. O educador José Pacheco diz: “o professor ensina o que é, não o que diz”. Essa frase me remete aos princípios e valores que fundamentam a ação de cada educador. Nesse sentido, motivada pelo Projeto Autonomia e principalmente pela troca e aprendizagem com as crianças durante as oficinas Corpo e Movimento, pretendo ir para a rede pública de educação levando comigo a busca da construção da autonomia, da solidariedade e da corresponsabilidade, entendendo a criança como copartícipe dos processos de aprendizagem. Quero também concluir minha formação na Dançaterapia e incluir, sempre que possível, elementos de seu método em dinâmicas em grupo para as crianças, além das demais experiências corporais que venho adquirindo.

Vejo o corpo como veículo para o desenvolvimento da sensibilidade e nesse sentido almejo pela prática de dinâmicas corporais como disciplina na graduação da

Pedagogia para que tenhamos, para nós mesmos e para as nossas crianças, educadores mais sensíveis e conscientes.

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Pensar a prática educativa separada da temática da Corporeidade perde sentido a partir do momento em que se reconhece o corpo como estrutura e caminho para o desenvolvimento integral do sujeito.

Esse corpo certamente não se limita a sua dimensão física, ultrapassando a visão fragmentada e mecanicista da história Ocidental e expande-se à compreensão do corpo como unidade dinâmica e complexa.

No primeiro contato que tenho com outra pessoa, a primeira e mais imediata impressão que posso ter é a que recebo da observação de seu corpo. Sua postura, seus gestos, sua fala, sua expressão. O que para mim existe de especial nessa ação é que algo tão simples traz em si o potencial de uma leitura mais profunda quando esse outro me espelha e assim podemos crescer juntos.

Causa-me profundo estranhamento e constrangimento quando chego em uma escola e me deparo com educadores e crianças que gritam para se fazerem ouvir, crianças sentadas por horas seguidas em carteiras, crianças e adultos desanimados, o que é revelado por seus corpos, entre outros aspectos.

Se o nosso corpo é composto de diversas dimensões que vão além do físico, como podemos usar o corpo conscientemente para acessarmos e conhecermos a nós mesmos e agirmos pelo desenvolvimento de suas/nossas potencialidades? Essa pergunta vem permeando meus estudos na educação, auxiliando nas minhas intervenções como educadora.

Os jogos e brincadeiras, dinâmicas em grupo, são instrumentos do fazer pedagógico que podem contribuir no desenvolvimento e expressão das crianças, percepção do próprio corpo com relação ao outro incluindo limites e possibilidades de interação, conquista de valores como solidariedade e corresponsabilidade entre outros, possíveis de serem observados na práxis.

A importância dessa temática permite-me construir a seguinte questão: Como a experiência das oficinas de Corpo e Movimento, desenvolvidas no PEAC – Autonomia, potencializam ações de cuidado, alegria e a constituição de um corpo menos dócil?

Essa questão norteadora está diretamente relacionada ao meu objetivo geral, qual seja: - Investigar como as oficinas de Corpo e Movimento contribuem para a

constituição de sujeitos autônomos. E, para tentar respondê-la outros três objetivos, específicos, fazem-se necessários:

- Apresentar o Projeto Autonomia e a oficina Corpo e Movimento;
- Compreender o conceito de Cuidado e Alegria na constituição de um corpo mais liberto e autônomo;
- Investigar o uso de dispositivos pedagógicos que potencializem a construção da Autonomia, baseada no Cuidado e na Alegria.

O trabalho seguiu uma abordagem metodológica de base qualitativa. Foi desenvolvido a partir de minha experiência junto ao Projeto Autonomia¹, bem como na construção de conceitos categoriais que nortearam a orientação e realização deste trabalho, quais sejam: *Alegria*, *Cuidado* com o outro e *Autonomia*, a fim de analisar de alguma forma a relação Corpo, Movimento e Autonomia.

¹Vinculado aos Departamentos de Psicologia e de Educação da Universidade de Brasília, destinado a compartilhar e promover reflexão sobre a experiência pedagógica nas escolas públicas do Distrito Federal. Ampara-se na análise de fragmentos do Diário de Campo, escrito em parceria com Daniele Prandi, registro das Oficinas realizadas a cada encontro no período de 09 de abril a 25 de junho de 2012.

CAPÍTULO 1 - O PROJETO AUTONOMIA E A OFICINA CORPO E MOVIMENTO

O Projeto Autonomia ganhou corpo em 2010, quando alguns pais da Associação Vivendo e Aprendendo, escola de educação infantil localizada na 604 Norte, se juntaram no objetivo de implementar, na rede pública de educação do Distrito Federal, “uma metodologia de ensino com base na construção da autonomia, da solidariedade e da responsabilidade, tendo a criança como copartícipe do processo de construção do aprendizado, com o suporte pedagógico da Escola da Ponte de Portugal.” (Projeto Autonomia, 2010).

Inspirado nessas duas escolas, a *Vivendo e Aprendendo* e a *Escola da Ponte*, o Projeto incorporou elementos e dispositivos de suas metodologias, seguindo os princípios de Autonomia, Solidariedade e Responsabilidade, com o objetivo específico de “Implementar o projeto em duas salas de aula de escolas da rede pública do Distrito Federal, com turmas de 15 a 20 crianças, durante o ano letivo de 2011.” (Projeto Autonomia, 2010).

Ainda no ano de 2010, em parceria com professores da Universidade de Brasília, o Projeto Autonomia deu origem ao PEAC - Projeto de Extensão de Ação Continuada, recebendo o nome: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras, em parceria e coordenação das professoras de Psicologia, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Simone Gonçalves de Lima e os professores da Faculdade de Educação, Fátima Lucília Vidal Rodrigues, Maria Alexandra Militão Rodrigues e Tadeu Queiroz Maia, este último permaneceu no primeiro ano do Projeto.

Tendo como uma de suas principais características, seu caráter interdisciplinar, o Projeto conta com a participação de pessoas de diversos cursos, como da Música, Psicologia, Matemática, Pedagogia, Física, Artes, entre outros.

O PEAC atua em cinco áreas: **1-** Projetos individuais das professoras orientadoras (Fátima Lucília Vidal Rodrigues e Maria Alexandra Militão Rodrigues da FE, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Simone Gonçalves de Lima do IP); **2-** Disciplinas vinculadas (Tópicos Especiais e Práticas Pedagógicas Inovadoras – Projeto 4); **3-** Estágio supervisionado em Psicologia Escolar; **4-** Intervenções na rede pública de ensino com Oficinas e **5-** Ações de extensão, Congressos, Oficinas, Eventos.

Das áreas de atuação do PEAC, este capítulo abordará especificamente o Projeto Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras.

O Projeto Autonomia ocupa 15 horas semanais intercaladamente entre reuniões, às quartas feiras, na Faculdade de Educação das 14h00min às 16h30min no Laboratório de Recursos Pedagógicos - FE5 e diversas ações em escolas da rede pública e associativas, incluindo planejamento de atividades na Semana de Extensão da UnB, elaboração de artigos, criação de páginas em mídias sociais, entre outras.

Os estudos, pesquisas, diálogos e intervenções se apresentam como espaços para a construção dos seguintes princípios norteadores:

Autonomia: No Dicionário de Valores escrito por José Pacheco, “a autonomia convive com a solidariedade” (2012, p.11). Com os pais e professores que a criança encontra os limites que irão lhe permitir progredir com autonomia. E, junto a isso, “O desenvolvimento da criança deve ter um sujeito especialmente ativo nesse processo: a própria criança”. (PROJETO AUTONOMIA, 2010).

Solidariedade: “O modo de se ensinar a solidariedade é vivendo de forma solidária”. (PROJETO AUTONOMIA, 2010). Para tal, é necessário ambientes de apoio à colaboração e o reconhecimento de que cada indivíduo é único e viver na diferença é o que nos agrega e permite progredir.

Responsabilidade: O papel da educação nesse sentido é possibilitar que a criança acredite nela mesma e possa assumir ativamente o compromisso com o seu processo de aprendizado. Junto a educadores e pais, sejam corresponsáveis pela formação da vida pessoal e comunitária.

Na Escola da Ponte, esses três princípios norteadores são colocados em prática por meio de sua estrutura organizativa, dividida em três núcleos: Iniciação, Consolidação e Aprofundamento e, também, por meio dos Dispositivos Pedagógicos.

Em 2011, após vários encontros e planejamentos do Curso de Extensão do Projeto Autonomia, a Escola Classe lócus de estudo do presente trabalho, abriu suas portas e se colocou à disposição com demanda de ações práticas, convidando as pessoas envolvidas no Projeto a entrarem na escola para desenvolvermos intervenções pedagógicas.

Nesse período, eu e novas pessoas chegamos ao Projeto, permanecendo a parceria com outras escolas. Para a escola classe foi levada a proposta de oficinas

com os horários disponíveis por cada extensionista e esclarecimentos quanto ao que fundamentava nossas ações; o desenvolvimento de autonomia, responsabilidade e solidariedade. No contraturno, a escola já contava com a participação de cinco monitores que passariam a trabalhar com a gente. A proposta inicial de oficinas ofertadas pelos estudantes da UnB foi: “Contação de Histórias”, “Corpo e Movimento”, “Perguntas e Idéias”, “Yoga, Arte e Educação”, “Teatração” e “Sons”. “Informática”, “Cênicas” e “Recreação” estavam sob coordenação dos monitores da escola.

Importante ressaltar que a entrada dos estudantes da UnB, com suas respectivas oficinas, não ocorreu como previsto, no segundo semestre de 2011. Com a greve dos professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, reivindicando melhores condições de trabalho, as professoras da escola parceira ao Projeto Autonomia, mesmo decidindo não aderir ao movimento, viram-se junto à escola, obrigadas a interromper as atividades realizadas no contraturno pela falta de alimentação para as crianças enviada pelo Governo. Por esse motivo, com algumas idas e vindas incluindo a falta de repasse do dinheiro de transporte aos monitores por parte do GDF, as oficinas tiveram início no primeiro semestre de 2012.

Na ocasião, os responsáveis por cada oficina elaboraram um texto de apresentação com os objetivos das mesmas. Eu e Daniele Prandi apresentamos o texto a seguir:

Oficina de Corpo e Movimento

Daniele Gomes Prandi;

Françoise Moncada.

Esta oficina tem como objetivo primário, mas não necessariamente o mais importante, a conscientização corporal. Buscamos despertar o desejo das crianças em compreender a relação que seu corpo possui com o espaço, a música e o tempo. Através deste exercício não visamos somente à expressão corporal, mas também ansiamos pelo desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da solidariedade, do trabalho em grupo e da cooperação. Para isto nos apoiaremos nas experiências dos alunos para elaborarmos dinâmicas atrativas em momentos de visualização de um mundo entre o movimento, a música, o corpo e a mente.

Queremos instigar a curiosidade dos estudantes para este tema, lidando com ele de forma agradável e lúdica formando uma parceria com seus integrantes pela criação de questionamentos sobre este assunto, como também rompendo os desafios entre o corpo em contato com o movimento e a música, na medida do que isso for possível.

Este tema abre um nuance de opções para, junto com as crianças, brincarmos aprendendo, sentindo nosso corpo e tentando explorar algumas das possibilidades que ele nos permite executar. Assim, podemos cogitar atividades que o foco não seja apenas a expressão corporal como brincadeiras do próprio cotidiano dos alunos, capoeira, ioga, alongamento, estilos musicais e outras que forem do desejo dos estudantes.

Pretendemos manter um grande diálogo com o grupo, construindo uma oficina feita por todos os integrantes do mesmo, esperamos que ela seja um momento de interação entre os alunos e seu próprio corpo mas também buscamos uma interação entre nós, para aprendermos uns com os outros sempre visando o respeito à individualidade de cada ser.

Em reunião realizada na UnB decidimos que seria importante oferecer nossas oficinas às professoras da Escola Classe, com o intuito de que pudessem conhecer as atividades que propúnhamos às crianças e também de estreitarmos nossos laços. Juntas, eu e Daniele planejamos com muito cuidado e amor o encontro que abria a atuação do Projeto na escola. O relato desse dia, feito pela Daniele, encontra-se nos Apêndices, na data de 11 de abril de 2012. Assim como minha parceira, também fiquei muito feliz com a experiência de integração que o encontro nos proporcionava. Reconhecia corpos mais abertos e entregues às nossas propostas e outros menos, mostrando a riqueza de um grupo heterogêneo, com um grande potencial de troca e crescimento entre todos os envolvidos.

No início das oficinas, eu e Daniele elaborávamos o planejamento das atividades e levávamos a proposta pronta para as crianças. Pensávamos em

dinâmicas que trabalhassem integração e entrosamento entre elas. Esse momento de planejamento era prazeroso para nós, mas sabíamos que era apenas um meio para buscarmos com eles a construção de autonomia, solidariedade e corresponsabilidade.

Com o tempo fomos naturalmente percebendo que a fase de planejamento e escolha das atividades deveria ser apropriada pelas crianças tendo em vista os objetivos que orientavam o Projeto Autonomia.

Mudamos o formato da oficina e as crianças passaram a planejar em grupo as atividades do próximo encontro. Com isso, assumíamos mais o lugar de mediadoras e as crianças participavam mais ativamente, corresponsáveis pela oficina.

Um dos grandes desafios que encontramos com o grupo era a dificuldade que as crianças tinham em conseguir ouvir umas às outras e a nós educadoras. Era assustadora a forma como elas estavam acostumadas a silenciar e prestar atenção apenas quando ouviam gritos de ordem e repressão. Nosso papel ali era o de tentar desconstruir essa prática, o que sem dúvida nos demandava bastante paciência e persistência.

Outro desafio era que sempre novas crianças chegavam na oficina dificultando a construção do sentimento de unidade e pertencimento pelo grupo. Após o intervalo do lanche, todos voltavam ainda mais agitados e com isso levávamos muito tempo para reuni-los e conseguir sua atenção. Outras questões iam aparecendo, como: o uso dos celulares; as crianças que não queriam participar; as brigas e agressão, enfim, questões que nos angustiavam, mas ao mesmo tempo nos provocavam a buscar meios de desconstruir e reconstruir a realidade que se apresentava.

Nossa grande motivação era a vontade de espaços de diálogo, troca, alegria, as próprias crianças e o apoio do grupo da UnB, unidos conspirando e buscando a práxis de uma educação transformadora.

Nósicineiros fomos, desde o início, incentivados pelas nossas orientadoras à registrarmos nossos encontros na escola com as crianças, no formato de diários, nos quais podíamos nos expressar livremente e, posteriormente, trocar nossas experiências pensando juntos formas de melhorar nosso fazer.

Sem dúvida a educação traz e sempre trará muitos desafios. Para as oficinas, um dispositivo pedagógico que nos acompanhou foi o *Gostei/Não gostei*. Esse dispositivo permite que as pessoas envolvidas tenham um espaço e sejam

incentivadas a expressar atitudes que lhe agradam ou não. Quando a criança é estimulada a expressar o “não gostei”, ela pode responder à uma situação que a incomoda sem precisar usar da agressão. Nos encontros fazíamos uma roda inicial para receber as crianças e uma roda final usando, sempre que possível este dispositivo para assim dar voz às crianças e receber o feedback de como estavam se sentindo. Este dispositivo quando incorporado pelo educador é de grande valia na interação com as crianças, principalmente, porque rompe com a lógica heterônoma, favorecendo as relações de igualdade. De acordo com o Projeto Autonomia (2010, p. 8), “O dispositivo pedagógico é entendido como o suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado, nesse contexto, toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégia, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura, numa determinada comunidade educativa”.

O uso de dispositivos ressignifica a relação educador-educando, pois aproxima um e outro desconstruindo possíveis posturas autoritárias e de intimidação. Ao entrarmos na escola, nos deparamos com o que mais comumente vemos na educação, interações baseadas em gritos e ameaças que agridem e desumanizam.

Diante desta triste realidade, venho por meio deste trabalho convidar o leitor a olhar a prática educativa por uma lente do cuidado, mostrando experiências e atitudes que potencializam ações de alegria, na busca por um caminhar mais autônomo.

Os conceitos norteadores: Alegria, Cuidado e Autonomia² serão desenvolvidos nos capítulos a seguir.

²Saliento que estes conceitos, Alegria, Cuidado e Autonomia, foram apresentados a mim por minha orientadora, que tem, ao longo dos últimos anos, desenvolvido estudos, especialmente, com os estudantes vinculados à disciplina “Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas” do curso de Pedagogia, na UnB.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE COMO FAZER A METODOLOGIA DO TRABALHO

O trabalho aqui apresentado segue uma abordagem qualitativa. Metodologicamente, coloquei-me como agente ativa e participativa nesse processo de pesquisa. Segundo Gil (2012): “Na verdade, nas ciências sociais, o pesquisador é mais do que um observador objetivo: é um ator envolvido no fenômeno”. No que diz respeito a relação sujeito-objeto, Gil comenta que:

Os resultados obtidos nas pesquisas não são indiferentes nem à forma de sua obtenção nem à maneira como o pesquisador vê o objeto. Por essa razão é que nas ciências sociais a discussão acerca da relação sujeito-objeto é relevante. (GIL, 2012, p. 05)

O diário de campo foi utilizado na pesquisa e constituído a partir da prática das oficinas Corpo e Movimento, desenvolvidas em uma escola pública do Distrito Federal vinculadas às ações do Programa de Extensão Contínua: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras e a prática obrigatória de Estágio Supervisionado da disciplina de Projeto 4. Suas ações fundamentaram-se nos princípios de responsabilidade, solidariedade e autonomia.³

Por uma questão de sigilo, os nomes que aparecem no diário de campo foram trocados, preservando assim o anonimato e integridade das pessoas envolvidas.

No diário de campo, de acordo com Weber (2009, p. 158-9), “se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica⁴: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas [...] As notas podem, entretanto, ser publicadas em partes, sofrendo o texto original cortes e edição.”

Os fragmentos retirados do diário de Campo, apresentados na íntegra nos Apêndices, constituíram a análise dos dados deste trabalho em relação dialógica com o aporte teórico.

³Princípios inspirados na Escola da Ponte de Portugal.

⁴Importante salientar que não se trata de uma pesquisa etnográfica, mas sim dessa disciplina defendida por Weber.

A escola na qual a pesquisa foi realizada propõe-se a efetuar uma prática de Educação Integral. Ela atende estudantes de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Ali, eles participam de 5 horas diárias de aulas e atividades em Oficinas nos contra turnos. As aulas têm início às 07h30min e finalizam com as oficinas às 16h30min, com exceção das sextas-feiras que terminam às 12h30min devido a coordenação dos professores. Sua estrutura física possui salas de: Informática, Direção, Professores, Orientação Educacional, Recursos, além de Cozinha e sete salas de aula. A escola não possui quadra esportiva, apenas um pátio externo cimentado com amarelinha pintada no chão. Fora da escola, localizada ao lado da entrada principal, existe uma grande área verde onde as crianças costumam sair para recreação e atividades de oficinas. Atualmente, a escola conta com um total de 171 alunos, 16 professores em sala de aula, 1 professor na sala de recurso, 3 coordenadores e 1 orientador educacional.

A escola pública lócus da presente pesquisa, está situada em um bairro de classe média alta do Distrito Federal, mas as crianças em sua grande maioria não são moradores da região. A grande maioria habita em cidades do entorno, filhos de pais que trabalham no DF.

Quanto à entrada do Projeto Autonomia na escola, o convite veio por meio de uma demanda da direção e não por interesse dos próprios professores. Isso mostrou com o tempo, o quão é importante a partilha de interesses comuns, uma postura participativa e cooperante de todos os envolvidos.

Inicialmente, em agosto de 2011, a escola se tornou parceira do Projeto Autonomia e dentro das propostas que surgiram em reunião na UnB estavam as reuniões quinzenais dentro da escola envolvendo alunos e professores da UnB e equipe pedagógica da mesma. E ainda, registro e posteriormente problematização das observações realizadas dentro de sala de aula, oficinas nos contra turnos das aulas e acompanhamento dos deveres de casa das crianças com os estagiários.

Em abril de 2012, tiveram início várias oficinas coordenadas por um grupo de professores e estudantes do PEAC. As oficinas Corpo e Movimento, realizadas por mim e por minha parceira Daniele Prandi, eram parte dessa ação maior. O diário de campo era registrado ao final de cada encontro com as crianças e depois compartilhado em rede para os integrantes do Projeto Autonomia, incluindo breves

relatos nas reuniões presenciais para debatermos e pensarmos juntos a nossa práxis.

De acordo com Minayo:

Dentro da ideia de registro de dados, destacamos o uso do diário de campo. Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (MINAYO, 2007, p. 63)

Quando eu e minha parceira realizamos a apresentação da Oficina Corpo e Movimento para alunas da UnB, em 2013, que iniciariam igualmente os trabalhos com oficinas dentro das escolas, recorri aos registros do diário de campo para identificare posteriormente discutirmos juntas questões chaves com as quais nos deparamos na práxis.

Ainda de acordo com Minayo (1993, p. 02, *apud*, ESTEVAM, 2008, *versão online*):

O pesquisador em educação utiliza o diário para relatar sua prática pedagógica e depois refleti-la. Através da pedagogia do diário é que se reflete e a partir dessa reflexão se intervém na realidade.

Essencialmente, o diário de campo permite, por meio de sua escrita detalhada e fiel, a reflexão da prática educativa. Para tal, exige que reflita uma postura ética. Somente dessa forma podemos compreender os processos reais que se dão no interior das escolas e a partir daí, a possibilidade de análise, reflexão das dificuldades e acertos com os quais nos deparamos durante os encontros. Por fim, o retorno à instituição gera um processo orgânico e possíveis transformações.

Quanto à estruturação deste trabalho, a construção dos conceitos se dá conjuntamente com as “categorias” construídas a partir do registro: Alegria, Autonomia e Cuidado. Optamos em orientação por não compartimentar estas categorias em um capítulo como análise dos dados e, sim, como conceitos-categoriais. Nesse sentido, sentimos que a Metodologia deveria aparecer

antecedendo aos conceitos norteadores para discutir e problematizar os trechos do diário de campo, justificando assim este processo.

CAPÍTULO 3 – CONCEITOS NORTEADORES

A seguir, apresento os conceitos norteadores que fundamentaram a práxis das oficinas Corpo e Movimento, analisados a partir de fragmentos de meu diário de campo, em relação dialógica com o aporte teórico.

3.1 POTENCIALIZANDO AÇÕES DE ALEGRIA

Palavra pouco explorada ou até mesmo desvalorizada no campo da Pedagogia, a Alegria é, sem dúvida, constituinte do ser criança. Quando encontramos uma criança acuada e entristecida é sinal de que algo não caminha bem. Própria da natureza infantil, a alegria é um ponto chave nas relações e processos educativos, pois permite que o aprendizado se dê de maneira mais leve, favorecendo o desenvolvimento das potencialidades da criança.

Um corpo alegre é um corpo que se expressa livremente sem medo de repressões, ocupa os espaços com segurança e descontração, usa a fala sem bloqueios e se relaciona com mais entusiasmo.

Este capítulo se propõe a investigar como as experiências da oficina Corpo e Movimento potencializam ações de alegria, partindo da análise de trechos dos meus relatos e da minha parceira de oficinas. Para auxiliar neste estudo, busquei na filosofia de Spinoza (2002) e de autores que interpretam sua obra, o suporte para pensar a educação aliada à condição de alegria.

O que conhecemos da realidade escolar é que o tempo, por diversas e legítimas razões, imprime no educador atitudes e ações que caminham na contramão da potencialização da alegria. Vemos isso quando gritam com suas crianças e jovens pedindo silêncio, quando se colocam em uma postura intimidadora e autoritária, quando impõem suas vontades, desrespeitando seus sentimentos. Esses e muitos outros exemplos fazem parte da rotina escolar do qual estamos sujeitos se não nos colocarmos no lugar de repensar, como diz o educador José Pacheco (2001), nossa forma de ensinagem.

Na matéria da revista eletrônica *Print by FUNREI*, intitulada: Espinosa: um pedagogo da alegria? Wanderley C. Oliveira (2000, p.54) diz: “Para ser educado, na perspectiva de Espinosa, é preciso, cada vez mais, aprender o que pode o corpo,

programar os bons encontros, refazer os hábitos pela razão, compreender e por no devido lugar em nossa vida as tristezas.”. É, nesse sentido, que o educador pode repensar a sua prática e conscientemente optar por situações que o levem ativamente ao sentimento de alegria, dele e de sua turma.

Evidentemente, não existem regras e métodos que garantam esse estado de ser, pois as relações humanas não são pautadas por receita. O que considero possível é a intenção que move a prática do educador na relação com as crianças, o desejo sincero que elas vivenciem um processo rico de desenvolvimento. A razão, dentro desse processo, destacada acima por Spinoza (2002), permite que o educador se questione sobre o que ele precisa fazer como educador e o que ele precisa assumir como pessoa para conscientemente buscar a satisfação de ânimo, dele e na relação com as crianças.

No meu primeiro relato do encontro com as crianças, expresso minha intenção de construção coletiva e a busca por satisfação:

Fiquei bastante satisfeita com esse primeiro momento na escola. Sei que temos um grande desafio pela frente e espero que possamos cativá-las e construirmos juntos um espaço agradável de troca, respeito e novas descobertas. (09 de abril de 2012)

Dos encontros que tínhamos com as crianças, conseguíamos ver os avanços na relação com eles e entre eles, o que nos motivava e renovava para o próximo encontro, para a próxima troca. Isso tudo aumenta nossa potência de agir ao mesmo tempo em que melhora nossa compreensão prática a respeito da importância de nos valermos de alguns dispositivos pedagógicos para o exercício da autonomia, alguns já mencionados no capítulo anterior.

Quanto aos Dispositivos:

Serão trabalhados os **Dispositivos** e métodos de intervenção pedagógica que se entrelaçam e se relacionam criando um espaço aconchegante, emocionalmente amistoso e intelectualmente estimulante. Assim deve ser a escola. (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 03)

“Sua meta – ambiciosa e necessária – é contribuir com a formação de indivíduos criativos, responsáveis, solidários e autônomos.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p. 03)

Algumas situações inicialmente não se apresentaram positivamente, mas é possível perceber que a intenção de contribuir com o desenvolvimento das crianças proporcionava um real aumento na potência de agir.

Nesse dia, também me chamou a atenção, quando o Márcio, monitor, veio até a porta chamar o Tiago pra ir embora. Me despedi dele e perguntei se ele gostaria de continuar na Oficina porque durante a tarde, tive que intervir em algumas brigas dele com outras crianças e várias vezes ele me falou que queria mudar de oficina. Falei que gostaria que ele permanecesse, mas que ele ficasse mais tranqüilo e participasse das atividades. Ele então me falou que iria ficar no grupo. Foi importante esse momento pra mim, porque durante a Oficina, exigiu um tanto de mim, chamá-lo pra conversar, fiz um esforço pra falar com tranqüilidade enquanto ele não queria ouvir e apertava minha mão. Algumas vezes desejei que ele saísse da Oficina de Corpo e Movimento, mas ali no final, veio uma voz interna me falando pra não desistir dele e foi o que aconteceu. Quando ele saiu da sala, o Márcio me perguntou se eu estava sabendo da situação do Antônio. Ele me disse que o Antônio toma o medicamento ritalina, tem problemas sérios com a família, não convive com outras crianças, apenas naquele período da escola, que já teve surtos muito fortes e precisaram de duas pessoas para segurá-lo. Por fim, me aconselhou a pedir ajuda se algo acontecesse, lembrando que eu evitasse segurá-lo pelo braço, mas que eu não o tratasse de forma diferenciada. Enfim, uma enxurrada de indicações e contra-indicações. Depois desse mini- relatório fiquei ainda mais feliz por não ter desistido. (23 de abril de 2012)

Para Spinoza, (apud OLIVEIRA, 2000, p.50)“o bom é tudo aquilo que convém com a nossa natureza, compondo-se com ela e aumentando nossa força para existir ou nossa potência de agir”. O mau seria então o contrário, “é tudo aquilo que não convém com a nossa natureza” (Idem) e,conseqüentemente, não aumenta a força para agir ou a potência para viver. Ou seja, somente o sentimento de alegria nos é útil e aumenta a essência de nosso corpo, a força que afirma a existência, o que ele denominou de *conatus*.

Dois trechos do relato feito pela Daniele no dia da Oficina Corpo e Movimento, ofertada aos professores da escola e integrantes do Projeto Autonomia, traduzem a meu ver, o que Spinoza (2002) colocou como relação e encontro de corpos que se afetam entre si sendo úteis:

Fran iniciou com uma massagem mútua entre nós, que todos fizeram do seu jeito com a parceira da dupla, em seguida fomos para o caminhar consciente e de formas diferentes; depois ela pensou em darmos fitinhas coloridas para nossas duplas, tecendo assim um laço entre elas, pois cada um colocou um laço no pulso da sua parceira. E para encerrar fizemos uma dinâmica com o balão em que a minha parceira trouxe a ideia do cuidado com a criança através da simbologia com os balões. (11 de abril de 2012)

Eu acredito que o resultado foi bom. Conseguimos unir UnB e Escola Classe, geramos uma aproximação, quebrando um pouco do gelo e da separação que havia ali. No início, estavam mais contidos em fazer o que era proposto, mas aos poucos cada um foi se soltando e se apropriando do que fazíamos. Fiquei feliz, porque as pessoas compreenderam o que nós buscávamos e comentaram ao final suas percepções e vivência subjetiva ao longo da dinâmica. (11 de abril de 2012)

Daniele e eu partimos da motivação interna de proporcionar ao grupo um encontro onde pudéssemos estreitar os laços entre a UnB e as professoras da escola, incorporando à dinâmica da Oficina elementos que refletem a nossa natureza e interesses dentro do tema da Corporeidade. Nesse caso, Daniele explorando a Dança de Salão e eu a Dançaterapia. Desse encontro de corpos, o relato de algumas pessoas e nossa observação no decorrer da oficina, revelou ter sido útil nossa intenção e proposta para o grupo. Rafaella Cerveira, ex-aluna da UnB, e integrante do Projeto Autonomia, descreveu o encontro em seu trabalho final de curso, com as seguintes palavras: “Entre brincadeiras em roda e reflexões de movimentos que fazemos no cotidiano as meninas nos questionaram sobre domínio, liberdade, disciplina, medo e trabalho. A partir de expressões corporais, trabalho em grupo, leitura e discussão em grupo, a oficina abriu um espaço de comunicação muito especial com todos os envolvidos.” (CERVEIRA, 2012, p. 111).

Ao longo de todo o processo vivenciado junto às crianças, identifiquei diversas vezes o que Spinoza denominou de “flutuação da alma”. Ou seja, situações em que afecções⁵ contrárias⁶ estão simultaneamente presentes.

Na seleção de textos de Marilena de Souza Chauí, encontramos sobre a obra de Spinoza o escólio:

Com efeito, o corpo humano [...] é composto de um grande número de indivíduos de natureza diversa e, por conseqüência [...], pode ser afetado de maneiras muito numerosas e diversas por um só e mesmo corpo e, inversamente, uma vez que uma só e mesma coisa pode ser afetada de numerosas maneiras, poderá, portanto, afetar também uma só e mesma parte do corpo de maneiras múltiplas e diversas. Por estas explicações, podemos conceber facilmente que um só e mesmo objeto pode ser a causa de afecções múltiplas e contrárias. (CHAUÍ, 1983, p. 194)

⁵ “A afecção é o “estado de um corpo quando ele sofre a ação de outro corpo” (DELEUZE apud CARDOSO JÚNIOR, 2008). É o efeito ou ação de um corpo sobre o meu corpo, supondo que aja mistura ou encontro de corpos.”

⁶ Segundo Chauí, as afecções contrárias são “as que arrastam o homem em sentidos opostos, embora sejam do mesmo gênero – como a gula e a avareza, que são espécies de amor – e que não são contrários por natureza, mas por acidente”. (Coleção os Pensadores, 1983, p. 232, versão online).

A seguir, destaco trechos do relato de 11 de junho, com breves comentários:

Eu e Dani fomos pra sala “desarrumar” as mesas e cadeiras. Saí para buscar o som e quando voltava pra sala, várias crianças da Oficina Corpo e Movimento, me chamaram e disseram que queriam sair da oficina. *Levei um susto!* Falei num tom de brincadeira: *Que conversa é essa!* E chamei todos para conversarmos na sala. Foi muito interessante porque as crianças estavam tão certos da vontade delas que sem muita demora estávamos sentados em roda conversando sobre a questão trazida por elas. Fiquei surpresa e feliz com toda aquela movimentação e atitude deles. Não deixei de ouvir uma voz dentro de mim que apontava um sentimento fracasso diante da colocação deles, mas não me apeguei e vejo que foi super importante pra conversar com eles.

Comentário: Revelam-se nesta passagem as afecções de alegria, ao reconhecer a iniciativa e posicionamento das crianças diante da situação, na qual se colocam de forma autônoma e, a afecção de tristeza com a vontade das crianças em sair da oficina.

Fomos todos para o pátio de fora num clima muito gostoso. Chegando lá, algumas crianças pediram para sairmos da escola e brincarmos no gramado. Fui perguntar para Ana (coordenadora substituta do Integral) e ela falou que não tinha nenhum problema. Apenas deveríamos lembrar de contar as crianças que estavam saindo com a gente. Pedimos que formassem uma fila na saída e logo outras crianças que não eram da oficina, pediram para sair com a gente. Acho muito chato ter que dizer não num caso desses, mas já estávamos com dezenove crianças e eu e Dani tínhamos decidido anteriormente, não abrir exceções e pessoalmente quis manter o mesmo grupo que esteve junto naquele momento super rico de conversa na sala.

Comentário: O desdobramento do primeiro trecho se deu com a saída das crianças para uma atividade no gramado fora da escola. Senti-me feliz e satisfeita com a conversa que tivemos em um espaço rico em diálogo, no qual pudemos expor nossos pontos de vista e interesses. Nesse espaço refletimos, falamos, escutamos o outro e encontramos uma forma de continuarmos juntos. Em contra partida, também passei pelo sentimento de frustração por ter negado a saída de algumas crianças.

Algumas crianças já tinham ido embora e nos reunimos rapidamente para fechar com o grupo que ainda estava na sala. Falamos pra eles da nossa “chateação” por não termos tido a colaboração deles para explicar a atividade que tínhamos preparado. Também falamos da nossa alegria pelo momento que tivemos juntos antes do intervalo e que o jogo no gramado tinha sido muito divertido. Dissemos também que no próximo encontro, teremos de novo um momento lá fora e uma atividade trazida por nós.

Comentário: Essa passagem retrata o que foi recorrente nos encontros com as crianças; afecções contrárias experimentadas simultaneamente. Sentia-me muito feliz e motivada com os avanços e as conquistas pessoais e coletivas que se apresentavam a cada encontro. Lidava igualmente com os sentimentos de tristeza e angústias decorrentes das limitações e desafios da relação educador-educando.

Spinoza se questiona quanto a existir algo que seja em sua essência um verdadeiro bem, capaz de se comunicar por si mesmo e que nos leve à verdadeira satisfação do ânimo. Para o filósofo, afecção é o efeito que um corpo sofre a partir da ação de outro corpo e isso ocorre de forma totalmente relativa. As causas desse efeito são desconhecidas, pois não se conhece a natureza, a constituição do corpo da ação. Da imaginação e das ideias supostas é que se tenta explicar a razão desse encontro de corpos, que de qualquer forma, não determina o conhecimento adequado do corpo exterior, da ação. Nesse sentido, as afecções de alegria, tristeza e desejo são então, afecções passivas.(COSTA-PINTO, RODRIGUES, 2013; OLIVEIRA, 2000).

No relato abaixo é possível identificar a presença da imaginação e de ideias supostas frente ao efeito desconhecido de certa afecção:

Achei interessante essa questão da prenda ter surgido porque eu e Dani estávamos conversando na FE pela manhã sobre uma atividade que gostaríamos de fazer com eles e que teria uma prenda. A Dani levantou a questão que a prenda muitas vezes está associada com a questão do castigo, da vergonha. E, ficamos de pensar em possibilidades de usá-la ou não em algumas brincadeiras. Enfim, não tivemos tempo, porque as crianças nos trouxeram o desafio no mesmo dia. Na hora, levamos a questão pra eles. O que seria a prenda? Disseram pra imitar galinha, macaco. Falei então que deveria ser algo legal e sugeri que a criança que não acertasse o capitão, escolheria ela mesma uma pessoa para escolher a prenda que faria. No final tivemos apenas uma prenda que era imitar uma bailarina. Foi tranqüilo! Acho que podemos discutir essa questão nas reuniões. Pode não ser tão negativo para as crianças... (09 de abril de 2012)

Eu e Daniele imaginamos que utilizar a prenda em uma de nossas atividades poderia ser negativo, tendo em vista a associação que fizemos com a ideia do castigo e de ações heterônomas. Em alguns casos, algumas crianças se sentem expostas e ridicularizadas pelos colegas quando submetidas à brincadeira da prenda, mas ao contrário do que supúnhamos, tivemos afecções positivas por parte das crianças que participaram da atividade.

Os relatos e aportes teóricos trazidos acima podem contribuir para que o educador assuma mais conscientemente seu papel na educação, compreendendo que “só a alegria compõe com nossa natureza e aumenta nossa força para existir ou nossa potência para agir sendo-nos, por isso, útil e boa” (OLIVEIRA, 2000, p. 54). São os hábitos de alegria que devemos cultivar na nossa prática. E ainda, que é preciso tempo e dedicação nesse exercício da alegria.

As oficinas, de Corpo e Movimento, mostraram que o uso de dispositivos pedagógicos potencializa afecções de alegria, pois contribuíram na construção de princípios norteadores do Projeto Autonomia para o desenvolvimento da criança. Foi possível identificar relações mais humanas, perceber o desenvolvimento da criatividade, o envolvimento das crianças nos processos de tomada de decisão, o planejamento e a construção coletiva, a livre troca de opinião, todos essenciais e de grande alegria para o educador que deseja contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes, solidários, responsáveis e autônomos.

A Alegria trazida por Spinoza ultrapassa esta alegria do senso comum. Ela aumenta a potência de agir do ser humano e está diretamente ligada a ética racional. Diante do reconhecimento de que o ser humano é elemento/ser divino, “o homem perfeito é ético porque o seu “agir” se harmoniza com o seu “ser”.” (SPINOZA, 2002, p. 34). É nesse sentido que o ser humano passa do dever ser bom para o querer ser bom, que o direciona a um estado ético de felicidade.

É este conceito de Alegria que queremos para a educação. No qual, as crianças e adultos produzam singularmente uma postura ética em interface com uma ética do cuidado. Segundo Spinoza, “o reconhecimento ou gratidão (*gratia ser gratitudo*) é o desejo ou o cuidado de amor pelo qual nos esforçamos por fazer o bem àquele que, por uma mesma afecção de amor, nos fez bem.” (Idem, 2002, p. 274). Essa atitude ética, parte do princípio que estamos interconectados com tudo o que existe e o que é bom deve servir de base para todos.

Este capítulo buscou de forma despretensiosa gerar uma reflexão para os sentimentos que são cultivados e motivam a prática diária do educador. No capítulo seguinte, pretendo problematizar a cerca de um olhar cuidadoso para os processos de docilização dos corpos que continuam presentes nas práticas educacionais tradicionais.

3.2 O CUIDADO COM O OUTRO

Os processos educacionais nos levam a uma infinidade de lugares a explorar. Acredito que cada educador seja tocado por cada um desses lugares de maneira diferente, gerando em si um olhar mais ou menos cuidadoso a respeito.

Com base nas experiências vividas nos encontros da oficina Corpo e Movimento, este capítulo abordará a temática do Cuidado visando a não reprodução de corpos dóceis dentro da Instituição Escolar. Esta análise partiu da relação educador-educando e do controle da Instituição sobre as crianças.

Em *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, Leonardo Boff (1999, p. 91) diz que “o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim.” A atitude de cuidado passa então pelo que é essencial ao ser humano e certamente podemos buscá-la na relação educador-educando quando reconhecemos que “estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude.” Buscando a origem da palavra cuidado, *coera*, que significa *cura* em latim, podemos encontrar um fértil caminho para a educação; relações de amor e amizade. Desse ponto, parece-me importante pensar o que está em jogo na constituição desse sujeito e o quanto agimos sobre o corpo do outro.

Michel Foucault trazem seu livro *Vigiar e Punir (1987)*, o conceito de corpos dóceis ao tratar a temática disciplinar em que os corpos seriam educados para a vida em sociedade. Em sua obra o autor contempla os processos disciplinares em diferentes setores da sociedade e, neste trabalho, será abordado a partir da instituição escolar. Aqui aparece o que Boff nomeou “atitude de cuidado”; minhas inquietações e preocupação frente a docilização dos educandos, “porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.” (BOFF, 1999, p. 92).

Segundo Foucault (1987, p. 126), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” Essa visão nos remete facilmente à ideia de corpos-máquina, a um modelo homogeneizador de educação que utiliza a disciplina para controlar, punir e normatizar.

Infelizmente essa ainda é a conduta de muitos educadores em escolas mais tradicionais e foi com o que me deparei quando iniciamos as oficinas na escola:

As crianças estavam bastante agitadas e a Cláudia, coordenadora do Integral, chamou a atenção delas várias vezes pedindo silêncio e atenção. Em seguida foi a apresentação das coordenadoras da Oficina de Idéias e na seqüência apresentamos Dani e eu, a Oficina de Corpo e Movimento. Não cheguei a ver a apresentação da Bruna falando da Oficina de Sons. Chamou nossa atenção a maneira “grosseira” como a Cláudia se dirigia às crianças. Em contrapartida, ela nos recebeu super bem. (09 de abril de 2012)

Faço aqui uma ressalva quanto ao teor deste trabalho. Não cabe aqui culpabilizar, apontar severamente a conduta de alguns educadores, ou emitir juízo de valor sobre suas práticas. Os apontamentos neste capítulo serão trazidos na intenção de observação da realidade e na busca de superação de um modelo de relação, baseado no autoritarismo, controle e dominação do outro.

O relato do primeiro contato que tivemos com as crianças exemplifica bem o poder disciplinar exercido pela coordenadora do turno Integral, na escola. As crianças estavam no pátio da escola e esperavam que elas ficassem todas sentadas para a apresentação das oficinas. Diante da novidade elas estavam bastante agitadas, então, a coordenadora utilizou como recurso, gritos e ameaças. Esta “mecânica do poder” diz respeito ao que Foucault chamou por “disciplinas”: “métodos que permitem o controle minucioso do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade.” (FOUCAULT, 1987, p. 126).

Ainda sobre a dinâmica disciplinar: “A disciplina faz funcionar um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados.” (FOUCAULT, 1987, p. 158-159).

Dessa forma, a figura da coordenadora passa pela tentativa de adestrar os corpos das crianças por meio da coerção, tentando mantê-las sentadas e sem se comunicarem. Sua atitude se inicia verbalmente e se mantém com o olhar de inspeção.

A respeito desse olhar, este pode exercer controle sobre os corpos sem nem mesmo ser visto quando a pessoa sujeitada a ele se vigia constantemente, tendo assim suas atitudes e comportamentos controlados. Esta é uma forma indireta de adestramento dos corpos, um dispositivo disciplinar que não passa pela violência física dos corpos, mas igualmente pode ser sentido e internalizado. Foucault denominou esse mecanismo “dispositivo panóptico”. Ele explica:

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos;...(FOUCAULT, 1987, p. 179).

Como é possível perceber, a violência chega à criança por um caminho que não deixa marcas no corpo, mas que limita a expressão do ser e o interdita. Entretanto, é certamente muito importante a presença de limites, pois fazem parte dos processos de desenvolvimento do ser e sem eles a apresentação das oficinas não seria possível. Paulo Freire fala do desafio em encontrar o equilíbrio entre autoridade e liberdade confirmando a necessidade de limites, sem os quais a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo. (FREIRE, 2013, p. 86).

É importante buscar um olhar cuidadoso a esses recursos utilizados e seus efeitos. No processo de formação de nossa sociedade, houve “o desenvolvimento e a generalização dos dispositivos disciplinares” e ainda, “aparecem como maneiras de aprendizagem que permitem aos indivíduos se integrarem a essas exigências gerais.” (FOUCAULT, 1987, p. 194-5).

Uma ação recorrente que presenciamos na escola eram pessoas da equipe pedagógica, mais freqüentemente os monitores com quem tínhamos mais contato, contando em voz alta de um a três para que as crianças se calassem rapidamente. Vejo que essa atitude repetida diariamente pode provocar uma cultura escolar que reforça a falta de escuta e responsabilidade de ambos os lados, educadores e educandos e anula aspectos importantes do desenvolvimento como a comunicação e o bom senso.

Por meio do projeto Autonomia, buscamos disseminar ideias de desconstrução desses dispositivos disciplinares, de maneira que isso acontecesse por meio das nossas intervenções junto às crianças e da abertura para a construção colaborativa das oficinas.

Quando regressamos do intervalo, fizemos uma roda para brincar de adoleta. Ao final, fomos para o planejamento, eu achei necessário falar um pouco sobre os combinados. Iniciei dizendo o quanto era cansativo ter que chamá-los várias vezes para podermos começar nossas atividades ou sentarmos em roda. Perguntei qual solução poderíamos dar para isso. (04 de junho de 2012)

Por termos liberado um pouco mais cedo as crianças, eu e Dani ficamos algum tempo conversando sobre a tarde que tivemos, dividindo nossas impressões e pontos de vista. Temos muitos desafios e nessas horas vejo que é muito bom estarmos juntas nesse Projeto, podendo uma incentivar a outra. Depois de algum tempo, a Paula, da Oficina de Contação de Histórias se juntou à nossa conversa e trouxe elementos novos para pensarmos juntas... (14 de maio de 2012)

Além do Gostei/Não gostei, já abordado no capítulo anterior, também nos valem os dispositivos pedagógicos como o Planejamento colaborativo das atividades, importante na formação da criança por trabalhar nela o senso de responsabilidade, “essencial para a criança apreender a noção de autonomia.” (AUTONOMIA, 2010, p. 11); os Relatórios, elaborados logo após cada oficina e compartilhados em rede com os demais integrantes do Projeto para cooperativamente refletirmos juntos em estratégias para as nossas práticas; e, Reuniões quinzenais que alternavam entre Escola Classe e UnB. Nesses encontros, foram discutidas as questões referentes à organização e gestão do Projeto em suas diversas frentes, relatos das oficinas, trocas, diálogos e construção do conhecimento.

Outro acontecimento relevante que presenciei na escola, diz respeito ao controle da instituição sobre as crianças e sua conseqüente punição:

Na hora do intervalo o Márcio veio nos chamar e falou que podíamos ficar mais cinco minutos porque já tinha uma fila de crianças para receber o lanche. Fiquei com a Dani, circulando pelo pátio quando algumas crianças vieram nos falar que não puderam comer. Fomos então com elas para falar com a moça que distribui o lanche. A moça começou a reclamar com as crianças dizendo que já tinha sido avisado que o lanche era servido às 15:30 e então, elas explicaram que chegaram mais tarde porque o Márcio deixou que jogassem por mais cinco minutos. Estava ali com a Dani mas não podíamos intervir. A moça depois pediu que o Márcio fosse falar com a Marta (diretora) e só depois daria o lanche para as crianças. Mais uma situação desagradável. Me senti num quartel militar. (11 de junho de 2012)

Este tipo de conduta vinda da Instituição, por meio da moça que servia o lanche, demonstra uma estranha necessidade de se punir pela mínima coisa. Podemos perceber aqui o uso arbitrário de poder sobre as crianças ao privá-las de se alimentar em punição pelo atraso.

Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentir a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las... uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto. (FOUCAULT, 1987, p. 160).

Como é possível perceber em Foucault, esse “mecanismo penal”, que segundo ele, está “na essência de todos os sistemas disciplinares”, funciona como sanção normalizadora que provoca a diferenciação dos indivíduos e serve como instrumento para o sucesso do poder disciplinar, que tem a função maior de “adestrar” os corpos. Ou seja, esse caso mostra que as crianças foram tratadas como meros objetos, expostas e excluídas. (FOUCAULT, 1987, p. 159).

Os relatos de controle e punição dos corpos que apresento neste capítulo, continuam a vigorar nesta e em muitas escolas, revelando uma lógica de educação que é apenas reprodutora e verticalizada.

Quando entramos na escola, lembro que uma pergunta norteadora para as nossas ações era: o que eu quero com a educação? O que eu quero para as crianças, com as oficinas?

Nossos encontros mostravam o quanto eram opostos os dispositivos disciplinares dos dispositivos pedagógicos e os desdobramentos de cada um nas nossas relações. Enquanto no primeiro via algo imposto às crianças, sem a possibilidade de diálogo, sem envolvê-las nos processos de decisão e responsabilização; no segundo, reconheci o quanto o olhar para o subjetivo e para a essência das coisas exige mais presença e esforço, trazendo uma relação afetiva com as crianças. E, principalmente, nessa segunda relação se dava lentamente a construção da autonomia, que será abordada no capítulo a seguir.

3.3 EXPERIÊNCIAS DE AUTONOMIA

Este capítulo apóia-se no desejo de romper com práticas heterônomas de educação, fortemente arraigadas ao modelo tradicional. Dessa forma, buscamos caminhar para a constituição de sujeitos autônomos; ativos e participativos nos processos de aprendizagem e construção do conhecimento.

Este é um grande desafio e no início da minha participação no Projeto Autonomia, reconheci que o primeiro passo e possível caminho seria buscar e identificar o que de autônomo existe em mim para poder compartilhar algo com as crianças. Na leitura do livro *Escola da Ponte: formação e transformação da educação* me deparei com uma citação de Fritzel:

Temos de mudar e a mudança faz-se à custa de sofrimento e compreensão de nós próprios e dos outros [...] precisamos de ser profissionais e não professores em *part-time* [...] ao longo de todo o ano escolar, travei uma luta comigo no sentido de ser diferente, como professor, mais autônomo e mais ativo. Penso que não o consegui totalmente e que ainda estou a aprender a ser autônomo para criar alunos autônomos. (PACHECO, 2011 *apud* FRITZEL, 1987, p. 117).

Diante desta citação e da leitura de autores inspiradores como Paulo Freire e José Pacheco, reconheço, ao invés de uma autonomia ímpar e acabada, autonomias. Este conceito que diz respeito a um processo, algo em formação que influencia cada sujeito a partir de dinâmicas de dependência relacional. Segundo Freire (2013, p. 105) “A autonomia, enquanto amadurecimento do *ser para si*, é processo, é vir a ser.” Não acontece de repente e a todo o momento. Ela se constitui “na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas.” (Idem).

Para clarear ainda mais este conceito, encontrei na literatura de José Pacheco:

Na Escola da Ponte, o valor da autonomia encontra a sua expressão máxima nas atividades realizadas pelas crianças. Estas atividades, porque são planificadas pelos alunos e orientadas pelos professores, potenciam o trabalho autônomo e no sentido da auto-aprendizagem, que permite que o aluno construa o seu conhecimento de forma ativa e participada. Contudo, não se pense que o professor, à luz deste modelo, deixou de ter qualquer preocupação no processo de ensino e de aprendizagem. O seu papel apenas se alterou, deixou de ser o protagonista central, para passar a ser também um ator que auxilia os alunos na construção do seu conhecimento. Deste modo e porque o trabalho autônomo não significa trabalho independente (no sentido do trabalho isolado), os alunos necessitam da colaboração do professor, que orienta as atividades de acordo com os interesses dos alunos. Uma vez que as atividades se inserem num processo dialético que deverá conjugar os interesses, expectativas e motivação dos alunos e os objetivos dos professores, elas enquadram-se em princípios de organização servidos por uma fundamentação teórica que promove a sua legitimação, e que foi elaborada e reelaborada ao longo dos anos. (PACHECO, 2001, p. 13, versão online).

O trecho acima é bastante elucidativo ao colocar que, em uma aprendizagem autônoma, o aluno assume seu papel no processo de construção do conhecimento de maneira ativa, ao passo que isso se dará nas relações sociais. Difere ainda, o papel do professor e do aluno nesse processo. Em outro livro, Dicionário de Valores de Educação, Pacheco acrescenta quanto ao papel dos pais e educadores:

É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controlo que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais. (PACHECO, 2012, p. 11)

Com base nesses conceitos podemos concluir que a autonomia não se dá no isolamento, pois é no outro que encontramos a referência para as nossas ações e é, nesse sentido, que elas caminham junto com a solidariedade.

Nas primeiras reflexões trazidas por Freire (2013, p.25) a respeito da prática docente, a dinâmica colaborativa de ensino-aprendizagem constitui-se de sujeitos diferentes em si. No entanto, um não existe sem o outro: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Daí que o conhecimento não é transferido de um sujeito a outro, mas construído com responsabilidade diante do processo relacional das práticas educativas.

Nesse exercício da autonomia, eu e Daniele experimentamos assumir nosso papel no processo de aprendizagem das crianças:

A próxima atividade no planejamento era o “futebol imaginário”. A brincadeira ganhou esse nome porque algumas crianças vinham pedindo para jogar futebol, mas eu e Dani conversamos e achamos que esse jogo teria mais um caráter recreativo, diminuindo nossa possibilidade de intervenção junto às crianças e também por privilegiarmos atividades que possam reunir todas elas. A idéia que tínhamos era de criar uma bola e jogarmos juntos usando o corpo em movimento e a imaginação. (28 de maio de 2012)

Quando iniciamos as Oficinas Corpo e Movimento, decidimos levar às crianças atividades planejadas por nós. Apesar de já estudarmos e nos inspirarmos no modelo de educação da Escola da Ponte onde as crianças assumem o processo de aprendizagem e, dentre as atividades, elaboram o seu *plano do dia*. Eu e Daniele ainda estávamos identificadas com o modelo tradicional de educação que recebemos. Mas, com as reuniões na UnB e discussões com os colegas do Projeto, nós compreendemos melhor a importância das crianças se empoderarem e apropriarem da sua aprendizagem. Então, decidimos passar às crianças o planejamento da oficina e nos colocamos à disposição para auxiliar e orientar no que fosse preciso nesse processo. Pedimos, dentro do planejamento, apenas uma atividade reservada para nós, pois ainda tínhamos o desejo de trabalhar com algumas questões que as dinâmicas do movimento possibilitam. Ou seja, estávamos experimentando na prática, o princípio da Autonomia.

A seguir, trecho do relato em que as crianças fizeram o primeiro planejamento:

Mostramos uma cartolina para escrevermos todos juntos nosso planejamento. Iniciei explicando que nossa oficina começa às 14h30min e vai até 16h30min, a seguir questionei então quanto tempo teríamos de oficina. Eles ficaram um pouco confusos, mas tentamos aos poucos explicar, até que disseram que teríamos duas horas de oficina. Falei que deveríamos fazer o planejamento de acordo com as duas horas. Eles sugeriram que nós fizéssemos um relaxamento ao final, elegendo cada dia uma pessoa diferente para contar uma história durante essa atividade. Fran teve a ideia de contarmos histórias através de movimentos e elegemos essa atividade para ser a primeira do próximo encontro. Solicitamos dinâmicas com dança e música (hip hop e da novela “Rebelde”) e um aquecimento para iniciá-las. Depois minha parceira pediu pra que tivesse uma atividade surpresa que nós traríamos e por fim deixamos um tempo para elaborar, novamente, a aula seguinte e cinco minutos para organizar a sala. (07 de maio de 2012)

Não conseguimos que as crianças realizassem o planejamento em todos os encontros por diversos motivos, relatados no diário de campo. No entanto, nos dias que aconteciam, percebíamos que havia uma maior interação entre elas para decidirem as atividades. Ao concordar ou discordar entre si, elas se ouviam, e nesse movimento, exercitavam a espera da palavra, a aceitação ou não de suas ideias e opiniões. Passavam pelo exercício de decisão em grupo e posteriormente pela corresponsabilidade pelo bom andamento ou não das atividades. Eu e Daniele buscávamos dar esse retorno para eles, no decorrer dos encontros, quando necessário, ou ao final das atividades, conforme relato abaixo:

Pedi que eles sugerissem o que poderíamos fazer pra melhorar nossa Oficina e me sentei dizendo que daquela forma não daria pra continuar. Por alguns segundos tivemos um silêncio na sala e enquanto algumas crianças voltaram a conversar, uma das meninas veio do meu lado e falou no meu ouvido para eu colocar pra fora da sala as crianças que não queriam colaborar. Pedi à ela que falasse pra todo o grupo sua ideia e perguntei depois o que eles achavam. Foi interessante porque os meninos que estavam atrapalhando mais na atividade, disseram que não concordavam com a ideia, algumas meninas concordaram e alguns se omitiram. Perguntei pro Luiz Henrique (primeiro a se manifestar) porque ele não concordava e ele respondeu que não daria para brincar. Falei pra ele que era exatamente o que estávamos tentando fazer, mas não conseguíamos porque tínhamos que a todo o momento chamar a atenção do grupo. (14 de maio de 2012)

Algumas atividades que levamos para as crianças seguiram a seguinte relação dialógica: Partindo de um conceito norteador, trabalhamos geralmente com a

memória como perspectiva cognitiva: o movimento de uma criança mais o movimento de outra criança levava à produção de um novo movimento.

Todos estavam dentro da sala e chamei as crianças para sentarmos no chão em roda. Comecei a explicar o que iríamos fazer. A idéia da atividade surgiu naquele exato momento. *Uma roda de movimentos*. Sugerir um **movimento** (esfregar as mãos) e pedi pra menina ao meu lado dizer o nome dela e depois inventar um movimento (bateu uma palma bem forte). Depois repetíamos o **meu movimento e o dela**. Assim cada criança inventava o seu movimento e íamos trabalhando **com a memória**, sempre acrescentando **um novo movimento** a rodada. (09 de abril de 2012)

Depois da **proposta** ter sido **levada pro grupo**, todos aceitaram. Uma criança saía da sala (escolhida por par ou ímpar americano) e todos que ficaram deveriam imitar os **movimentos** que o “capitão” **inventava e mudava**. (09 de abril de 2012)

Eu não tinha intenção de ensinar eles a dançarem salsa, queria apenas que eles sentissem a música em seus corpos e **se movimentassem**, por isso, começamos a pedir que eles fizessem movimentos e nós copiarmos. Eles ficaram um pouco tímidos, principalmente os meninos, mas aos poucos se soltaram e **nos guiaram** também por alguns momentos. (07 de maio de 2012)

Fran sugeriu que fizéssemos duplas, um seria a **estátua** e o outro seria o **escultor**. Esse poderia **moldar** sua estátua da forma que quisesse e teria que dar um nome a ela, depois **inverteríamos as funções** (nessa atividade a música foi “Amigo, estou aqui.” do filme “ToyStory”). (07 de maio de 2012)

Seria escolhida uma parte do corpo e todos deveriam dançar mexendo apenas aquele lugar, mas dentro do ritmo e **movimento de cada um**. Assim as crianças mexeram cada parte do corpo e no final era uma grande **mistura de tudo**. Nas outras músicas íamos pedindo pra cada um sugerir um movimento e os outros imitavam. Tivemos grandes performances no grupo!! (14 de maio de 2012)

Buscávamos por meio dessas e outras atividades, que as crianças experimentassem conhecer seu movimento próprio e a partir da relação com o outro, criar e experimentar algo novo. Para isso, usávamos a memorização e observação do movimento para as crianças fazerem o exercício de se perceberem na sua individualidade. Essa dinâmica que acontece no brincar permite uma abertura interior da própria criança para acessar o novo, pois de forma descontraída ela se permite e se entrega à experiência de autonomia.

Apesar da enorme dificuldade em conseguir a atenção das crianças, pois nesse caso podemos perceber que elas ainda não desenvolveram essa auto-regulação, insistíamos a cada encontro na construção de um espaço de diálogo.

Um momento marcante nesse processo de busca por experiências autônomas junto às crianças aconteceu no dia 11 de junho, quando elas se reuniram e vieram nos dizer que gostariam de sair da oficina. A princípio foi *um susto* para mim, como relatei no diário de campo, mas principalmente um exercício claro de autonomia. Para Paulo Freire (2013, p. 36), “*Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação*”. Fomos todos para a sala e lá abrimos uma roda de diálogo onde debatemos abertamente sobre a situação.

Segundo Freire:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e que não funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico e não polêmico. (FREIRE, 2013, p. 39)

Tivemos um momento muito rico que nos proporcionou uma maior aproximação. Assumindo uma postura de diálogo e reconhecimento, percebemos que elas se colocaram sem medo de serem coagidas, com mais liberdade e espontaneidade.

Com o tempo, ficou cada vez mais claro que as atividades na oficina Corpo e Movimento eram um meio para a construção dos princípios que orientam o Projeto.

Cada encontro nos dava a oportunidade de dedicarmos nosso tempo a um estar junto significativo. Por menor que tenham sido esses momentos, as experiências vividas pelas crianças e por nós apontaram caminhos e recursos possíveis como formas diferentes de se relacionar. Reconhecemos que a experiência de estarem em grupo com crianças de idades e turmas diferentes; a construção de planejamentos compartilhados; a escuta de cada um, consigo e com o outro; rodas de conversa; os acionamentos de dispositivos potencializavam a constituição de corpos mais libertos e autônomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho podemos concluir que as questões levantadas pelo sujeito da pesquisa se organizam para levar o leitor a uma reflexão das práticas educativas frente a uma postura ética que reflita na constituição de sujeitos autônomos.

É urgente que a relação educador-educando seja ressignificada, sendo a reflexão e o auto-exame do educador pontos-chave nesse caminho.

O Projeto Autonomia pensa nessas questões e reuni pessoas para estudar e intervir de forma inovadora na educação.

Foram apresentados neste trabalho, os princípios que orientam as ações do Projeto Autonomia e, conseqüentemente, da oficina Corpo e Movimento, tendo como ferramentas alguns dispositivos pedagógicos inspirados na Escola da Ponte.

Os desdobramentos dos encontros, relatados no diário de campo, apontam que os usos dos dispositivos pedagógicos alinhados a uma postura ética do educador, potencializam ações de alegria. Além disso, contribuem para a construção do diálogo e a não reprodução de corpos dóceis em prol de uma educação criativa, solidária e integradora.

Identificamos que os encontros nas oficinas Corpo e Movimento contribuíram para que as crianças vivenciassem um espaço de expressão do corpo, pelo movimento e pelo diálogo, contrapondo a práticas autoritárias observadas na escola; contribuíram para a realização de atividades em um grupo heterogêneo, permitindo a integração entre crianças de diferentes idades, favorecendo a riqueza de trocas, contrapondo ao modelo homogeneizador do ensino tradicional; contribuíram para a participação ativa de seus integrantes por meio do planejamento das atividades da oficina, permitindo a corresponsabilidade do grupo pela organização e bom andamento dos encontros; contribuíram para o exercício fundamental da prática docente, dar voz e ouvir às crianças.

Foi possível reconhecer a Oficina Corpo e Movimento como instrumento no desenvolvimento de princípios e valores. Não levarmos às crianças atividades pré-estabelecidas permitiu o reconhecimento de que esta é uma prática integradora de disponibilidade e desejo de construção coletiva. As crianças planejavam, discutiam,

ouviam, enfim, participavam ativamente da construção da oficina, ao mesmo tempo em que iam desenvolvendo sua autonomia.

Por fim, considero que a práxis da oficina Corpo e Movimento revelou a importância da postura ética do educador frente a atitudes e ações que busquem a Alegria, reconhecida como passagem para um estado mais potente do próprio ser. A educação, assim, pode caminhar para a constituição de corpos menos dóceis, permitindo que as crianças se desenvolvam com liberdade, autonomia, solidariedade e responsabilidade.

Desse momento/ponto vislumbro algumas questões futuras como: Que espaço os conceitos categoriais analisados neste trabalho ocupam na formação docente? Como construir relações em que as pessoas reflitem sobre sua postura e participação nos processos educacionais?

Finalizo este trabalho, com Paulo Freire:

“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietarmos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.” (FREIRE, 2013, p. 70).

Que assim possamos viver a educação em todo e qualquer momento, com Alegria, Cuidado e Autonomia como condições primordiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Série Prática Pedagógica).

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 89-130, 1999.

BRITO, Marcelo de. *A construção do sentimento de unidade: desdobramentos de uma abordagem corporal atípica no desenvolvimento humano*. Universidade de Trás – Os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2013. (Doutoramento em Ciências do Desporto).

CANÁRIO, Rui. MATOS, Filomena. e TRINDADE, Rui. (Orgs.). *Escola da Ponte: defender a escola pública*. Porto/Portugal: Profedições, 2004 Disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.FormView?P_ID=25961

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. *ESPINOSA: ALEGRIA E INTELIGÊNCIA*. ALEGRAR n 05 – 2008 – ISSN 18085148. Disponível em: www.alegrar.com.br

CERVEIRA, Rafaella Souza. *Projeto Autonomia: Uma história em construção no Distrito Federal*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Spinoza, Benedictus de, 1632-1677*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

COSTA-PINTO, Alessandra Buonavoglia; RODRIGUES, Lisete. *Dossiê-Reflexões sobre a educação em Espinosa: a experiência do encontro segundo nascimento*. Filosofia e Educação – ISSN 1984-9605 – Volume 5, Número 1. Abril – Setembro de 2013, p. 111-129.

ESTEVAM, Bread Soares. *Reflexões sobre o diário de campo*. 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/reflexoes-sobre-o-diario-de-campo/82508/>

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. - 6 ed.- 5 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012.

LARROSA, Jorge. *Experiência e alteridade em educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, jan-abr, n. 019. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil, 2002, pp. 20-28.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

MINAYO, Maria. Cecília. de Souza. (Org). *Pesquisa Social: teoria método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Wanderley Cardoso. *ESPINOSA: UM PEDAGOGO DA ALEGRIA?*. Revista Eletrônica Printyby FUNREI. Disponível em: <http://www.funrei.br/publicações/Metavóia>. Metavóia, São João del-Rei, n.2, p. 45-55, jul. 2000.

PACHECO, José. *Dicionário de Valores*. São Paulo: Edições SM, 1. ed., 2012. Disponível em: http://porvir.org/wp-content/uploads/2013/10/Dicionario_de_Valores.pdf.

PACHECO, José. *Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação*. Petrópolis, RJ: 4. Ed. Vozes, 2011.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *A escola da Ponte sob múltiplos olhares: palavras de educadores, alunos e pais*. Porto Alegre: Penso, 2013. 151p.: il.; 21cm.

PAULO, Freire. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

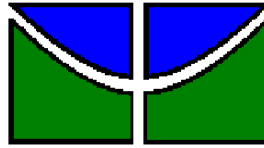
PRANDI, Daniele Gomes. *O desenvolvimento da moral segundo Piaget e Kohlberg: uma educação para a construção da autonomia*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

PROJETO AUTONOMIA. *Proposta: Implementação de uma metodologia pedagógica numa escola do Distrito Federal*. Brasília, set. 2010.

SPINOZA, Baruch de. *Ética. Demonstrada à Maneira dos Geômetras*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEBER, Florence. *A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?* Horiz. Antropol, Porto Alegre, v.15, n. 32, Dec. 2009.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIAS E FUNDAMENTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa *Alegria, Autonomia e Cuidado na escola: A experiência da oficina “Corpo e Movimento”*, realizado por Françoise Rejane Moncada⁷, estudante do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB n° 09/0137906, sob a orientação da Prof^a Dr^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues⁸.

O trabalho consiste na realização da oficina Corpo e Movimento no contraturno da Escola, durante o ano de 2012 com aluno(a)s do 1° ao 5° ano. Os encontros serão anotados pela autora da pesquisa em seu diário de campo.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico que visam a constituição de sujeitos autônomos.

Informo que os dados e a identidade dos observados serão mantidos sob a reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

() concordo em participar deste estudo

Local e data:

Nome do(a) participante:

CPF ou RG do(a) participante:

Endereço do(a) participante:

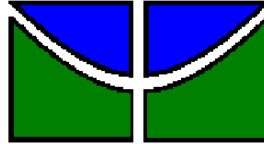
Telefone do(a) participante:

E-mail do(a) participante:

⁷Endereço para contato: Françoise Rejane Moncada – E-mail: fran.r.moncada@gmail.com; 06181627978.

⁸Prof^a Dr^a Fátima Vidal – E-mail: vidalrodrigues@yahoo.com.br

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIAS E FUNDAMENTOS**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, *Daniele Gomes Prandi*, Pedagoga e ex-aluna da Universidade de Brasília, autorizo Françoise Rejane Moncada, estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula nº 09/0137906, a utilizar nossas escritas coletivas, realizadas no período de 09 de abril de 2012 a 25 de junho de 2012, referentes aos encontros da oficina Corpo e Movimento - trabalho vinculado ao PEAC-UnB: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras - para utilização na íntegra ou em partes no Trabalho Final de Curso, palestras ou publicações.

Brasília-DF, de de 2014.

Daniele Gomes Prandi

DIÁRIO DE CAMPO

(O presente diário de campo constituiu-se em uma modalidade mais informal e intimista, como instrumento de registro e estudo das práticas construídas durante o período de realização das Oficinas)

Projeto 4: Autonomia

Oficina: Corpo e Movimento

09 de abril de 2012

Apresentação das Oficinas e primeiro dia de atividades com as crianças na Escola.

Chegamos à escola por volta de 14:30h e as crianças já estavam no pátio assistindo à apresentação de uma das coordenadoras da Oficina Contação de Histórias. As crianças estavam bastante agitadas e a Cláudia, coordenadora do Integral, chamou a atenção delas várias vezes pedindo silêncio e atenção. Em seguida foi a apresentação das coordenadoras da Oficina de Idéias e na seqüência apresentamos Daniele e eu, a Oficina Corpo e Movimento. Não cheguei a ver a apresentação da Oficina de Sons. Chamou nossa atenção a maneira “grosseira” como a Cláudia se dirigia às crianças. Em contrapartida, ela nos recebeu super bem.

Na hora de distribuir as fichas para as crianças colocarem os nomes e dessa forma se inscreverem nas oficinas, ficamos muito perdidas porque víamos que no pátio haviam menos crianças que o esperado por nós. Na reunião passada, realizada na FE, tínhamos decidido entregar uma cor de ficha para cada série, mas a Cláudia explicou que não teria problema misturar as cores, pois as crianças já estavam misturadas nas salas. Ainda no pátio, a Cláudia foi explicando pra elas que deveriam colocar na ficha o nome da Oficina da sua escolha e quando dissemos que seria o nome delas, a Cláudia disse que não tinha sido o combinado feito com ela. Mas depois aceitou tranquilamente nosso pedido. Fiquei com a sensação de que estávamos fazendo errado com relação às fichas mas me tranqüilizei com a Cláudia dizendo que tudo daria certo.

As crianças foram para as suas salas e colocaram seus nomes nas fichas depois que a Cláudia explicou novamente que a escolha seria delas e reforçou o tema de cada Oficina. Depois voltaram todos para o pátio e se dirigiram para a sala

com a Oficina que haviam escolhido. Colocamos os cartazes na porta de cada sala. Depois que colaram as fichas, já iniciamos a Oficina. No fundo eu imaginava e torcia também por conta da minha ansiedade, que as Oficinas começassem apenas na semana seguinte, imaginando que as apresentações demorassem mais para acontecer e que as crianças fossem ter um tempo pra decidirem em qual se inscrever. Acho que fomos todas pegas de surpresa, mas no final fiquei muito satisfeita com nosso primeiro contato com as crianças.

Todos estavam dentro da sala e chamei as crianças para sentarmos no chão em roda. Comecei a explicar o que iríamos fazer. A idéia da atividade surgiu naquele exato momento. *Uma roda de movimentos*. Sugeri um movimento (esfregar as mãos) e pedi para a menina ao meu lado dizer o nome dela e depois inventar um movimento (bateu uma palma bem forte). Depois repetíamos o meu movimento e o dela. Assim cada criança inventava o seu movimento e íamos trabalhando com a memória, sempre acrescentando um novo movimento a rodada. Tínhamos que ficar a todo o momento chamando a atenção delas, pedindo para se concentrarem na atividade e pedindo silêncio para que eu ou Dani pudssemos falar. É sem dúvida um trabalho de muita paciência porque as crianças ficaram bastante agitadas por conta da novidade. Eu trouxe a questão do Combinado pedindo a eles que quando uma pessoa estiver falando, as outras precisam fazer silêncio para conseguir ouvir. E que também iríamos precisar fazer um Combinado com relação aos celulares. Várias vezes as meninas ficavam mexendo no celular e pediam para sair da sala para atender. Penso que precisamos reservar um momento na Oficina para tratarmos exclusivamente dos Combinados. De que forma seria interessante trabalhar os Combinados com eles?

A atividade foi interrompida para a hora do lanche. Depois que voltaram pra sala, percebi que estavam bem mais agitados. Foi mais difícil conseguir reuni-los novamente no círculo. Quando terminamos a atividade, três meninas vieram falar comigo e pediram para fazermos uma brincadeira. Falei que achava legal e pedi pra elas sugerirem na roda para sabermos se todos estariam de acordo. Minha reflexão nesse caso, é que por um lado eu vejo que isso é legal porque é uma forma de levar uma proposta para o coletivo. Por outro lado, me questiono se essa não deva ser a mesma atitude seguida por mim e pela Dani. Propormos a atividade X e as crianças dizerem se aceitam. Mas então teremos que ter a cada encontro, um leque de

atividades para propormos às crianças? Me parece inviável. Existe aí uma hierarquia “natural” na relação educador- educando?

Depois da proposta ter sido levada para o grupo, todos aceitaram. Uma criança saía da sala (escolhida por par ou ímpar americano) e todos que ficaram deveriam imitar os movimentos que o “capitão” inventava e mudava. A escolha do capitão foi feita por mim e pela Dani por sugestão das próprias crianças porque demoraria muito fazer a escolha por par ou ímpar americano a cada rodada. Esse momento foi confuso porque as crianças ficavam pedindo para serem escolhidas. “eu eu, escolhe eu”! Pedimos calma várias vezes e não foi fácil conseguir que esperassem nossa escolha. A criança quando retornava pra sala deveria observar a todos e tentar adivinhar quem era o capitão. Ela então teria três chances para tentar adivinhar e se não conseguisse, pagaria uma prenda. Achei interessante essa questão da prenda ter surgido porque eu e Dani estávamos conversando na FE pela manhã sobre uma atividade que gostaríamos de fazer com eles e que teria uma prenda. A Dani levantou a questão que a prenda muitas vezes está associada com a questão do castigo, da vergonha. E, ficamos de pensar em possibilidades de usá-la ou não em algumas brincadeiras. Enfim, não tivemos tempo, porque as crianças nos trouxeram o desafio no mesmo dia. Na hora, levamos a questão pra eles. O que seria a prenda? Disseram pra imitar galinha, macaco. Falei então que deveria ser algo legal e sugeri que a criança que não acertasse o capitão, escolheria ela mesma uma pessoa para escolher a prenda que faria. No final tivemos apenas uma prenda que era imitar uma bailarina. Foi tranquilo! Acho que podemos discutir essa questão nas reuniões. Pode não ser tão negativo para as crianças...

A atividade foi muito divertida. No final, fizemos uma roda dando as mãos e eu e Dani falamos um pouco da nossa alegria de estarmos com eles e lembramos a questão do Combinado. Depois perguntei se alguém gostaria de falar e duas meninas disseram que gostaram bastante da Oficina e de nós.

Pedimos pras crianças arrumarem a sala (a pedido da Cláudia e da monitora, que estava na sala com a gente). Eu fui me ligar que a moça que estava na sala, era a monitora, apenas no final. Ela participou na primeira atividade, mas ficou mais pra fora da roda e eu não me atentei na hora para chamá-la pra participar e entrar na roda. Fiquei um pouco chateada por essa falha, mas agora já tenho isso como prioridade para a próxima semana. Ela gostou bastante da Oficina e falou que tinha

sido ótimo estarmos presentes com as Oficinas nesse dia porque ela tinha sido a única monitora a comparecer na escola.

Fiquei bastante satisfeita com esse primeiro momento na escola. Sei que temos um grande desafio pela frente e espero que possamos cativá-las e construirmos juntos um espaço agradável de troca, respeito e novas descobertas. Semestre passado estava na Vivendo e Aprendendo com crianças de dois anos e agora vejo pela frente uma nova oportunidade de aprendizado e crescimento podendo vivenciar a prática docente com crianças de 8 a 11 anos oferecendo a Oficina de Corpo e Movimento que é um tema que gosto bastante.

Reflexões: Na semana passada, nos reunimos na Fe para fazermos os cartazes no qual as crianças pregariam as fichas com o nome delas. Comecei a riscar uma cartolina branca enquanto que a Dani fazia o cartaz com o tema da nossa Oficina. Minha ideia inicial foi fazer o contorno de vinte fichas para que elas colassem por cima, seguindo apenas o molde. Tive bastante trabalho para riscar cada molde de ficha e de repente me veio um pensamento. Eu estava ali reproduzindo um padrão conservador e limitante. Enfim, as crianças não teriam a liberdade de escolher o local e a forma que gostariam de colar suas fichinhas. Percebi o que tinha feito e rapidamente virei a cartolina escrevendo apenas como título, Turma A, e o restante do espaço disponível pra que elas pudessem colar as fichas coloridas. A cartolina branca ficou cheia de pontinhos marcados por causa da canetinha, então resolvi a questão cobrindo-os com pequenas estrelas.

11 de abril de 2012

Oficina de Corpo e Movimento para os professores e integrantes do Projeto Autonomia.

(Relato feito pela Daniele)

Confesso que *tremi nas bases* quando a Alexandra nos pediu para iniciarmos as oficinas, era um desafio! Mas eu e minha parceira aceitamos, tivemos uma semana para planejar o que faríamos. Pensávamos sozinhas, cada uma levando para uma temática com que tínhamos mais aproximação. Fomos trocando propostas por e-mail, tentando buscar uma melhor opção para fazermos uma oficina com os professores. Eu visava uma maior integração entre UnB e escola e tentei refletir como poderia fazer isso. Minha experiência com dança é a de salão, pensei o

quanto a dança em dupla pode facilitar uma integração a partir da aproximação de nossos corpos e do contato entre a palma de nossas mãos.

Aos poucos fui pensando em como fazer essa dinâmica, primeiramente defini que fariam duplas, começando com um parceiro que seria chamado de “pessoa da palavra” e assim ele conduziria o outro, depois trocariam e o primeiro então passaria a “palavra” para seu companheiro. Depois pensei em, antes disso, explicar um pouco sobre nosso caminhar, como a divisão do nosso peso é fundamental para nos movimentarmos e como nós poderíamos andar de outras formas, propondo a eles um caminhar diferente dentro da música. E ao final dessa dinâmica pedi para que fizessem um movimento, uma expressão, um gesto que significasse o que eu iria dizer a seguir, se aquilo fosse significativo para eles. A frase foi: *Este meu companheiro é um ser em constante processo de formação assim como eu, tendo então muito a me oferecer da mesma forma que eu também tenho muito a oferecer para ele.*

Enviei meu pensamento para Fran, e ela me enviou os dela, e nós nos completávamos em nossas ideias. Fran iniciou com uma massagem mútua entre nós, que todos fizeram do seu jeito com a parceira da dupla, em seguida fomos para o caminhar consciente e de formas diferentes; depois ela pensou em darmos fitinhas coloridas para nossas duplas, tecendo assim um laço entre elas, pois cada um colocou um laço no pulso da sua parceira. E para encerrar fizemos uma dinâmica com o balão em que a minha parceira trouxe a ideia do cuidado com a criança através da simbologia com os balões. Fran apenas pediu que enchêssemos os balões e deixássemos ele seguir seu movimento, apenas daríamos apoio a ele sem segurá-lo. E assim fizemos, deixamos o balão seguir seu rumo dando encosto a ele e dançando. Para encerrar lemos um mito greco-romano sobre o Cuidado e o Homem que a Alexandra tinha nos sugerido. Depois abrimos a roda para reflexões sobre o que tínhamos feito e a relação com o mito. Eles fizeram a associação do Cuidado com a criança e a dinâmica, dizendo que o balão seria como a criança, nós daríamos uma sustentação para ele, um apoio, mas devíamos deixar ele seguir seu rumo, seu movimento, sua vontade, sua autonomia. E assim como no mito, a nossa função é cuidar, não tomar posse, saber que por estar ao nosso cuidado não significa que a criança seja nossa, e que não é nosso papel decidir que rumo ela deve seguir ou o que ela deve fazer, significa apenas que ela tem nosso cuidado, mas ela não nos pertence, ela pertence a si mesma. E por isso, cabe a ela decidir o

que deve fazer,..o que querer, o que sentir. Cabe a nós, educadores, ajudá-la nessa caminhada.

Eu acredito que o resultado foi bom. Conseguimos unir UnB e Escola Classe, geramos uma aproximação, quebrando um pouco do gelo e da separação que havia ali. No início, estavam mais contidos em fazer o que era proposto, mas aos poucos cada um foi se soltando e se apropriando do que fazíamos. Fiquei feliz, porque as pessoas compreenderam o que nós buscávamos e comentaram ao final suas percepções e vivência subjetiva ao longo da dinâmica.

16 de abril de 2012

Aulas canceladas por falta de monitores devido ao corte de verba do GDF para o vale-transporte.

23 de abril de 2012

Logo que chegamos na escola, eu, Dani e as meninas das outras Oficinas ficamos esperando as crianças concluírem os deveres e em seguida a Júlia (monitora) veio nos avisar que poderíamos iniciar nossas atividades. As crianças estavam divididas em duas salas e então ficamos sabendo que algumas delas não estavam inscritas em nenhuma Oficina e nem mesmo sabiam os temas de cada uma. Mais uma vez ficamos perdidas!! Eu e Luana tentávamos decidir se apresentávamos novamente as Oficinas em cada sala, enquanto que a Dani chamava as crianças da Oficina de Corpo e Movimento. Várias crianças estavam correndo no pátio. Não sabia o que decidir com a Luana, então fui até a sala pra ajudar a Dani, que estava no pátio chamando algumas crianças. Estavam todos super agitados e perdemos muito tempo chamando as crianças para sentarem no chão em círculo. Novas crianças chegaram na sala (que não haviam participado do primeiro dia da Oficina) e algumas do primeiro dia não estavam presentes. Resolvi anotar o nome de quem estava presente e já me preocupei porque anotei 18 crianças, sendo que alguns rostos que me lembrava não estavam ali. Naquele momento, senti que é importante conseguirmos “fechar” o grupo e contar com a presença das mesmas crianças. Sei que é o início e pelo visto ainda teremos que reorganizar a distribuição geral nas Oficinas. Temos grupos com 7 crianças e outros com 18... isso me aflige.

A Dani pediu pra eles desenharem ou escreverem, na folha que ia distribuir, quais as atividades-brincadeiras que eles gostariam que tivessem na Oficina. Nesse momento, surgiram várias demandas do grupo: separamos brigas; crianças que disseram estar com preguiça de pegar o lápis na mochila; que não sabiam o que gostariam de fazer; pedidos pra sair da sala; criança falando no celular; entra e sai da sala... enfim, foi agitado. Chamei as crianças que já haviam terminado para sentarem novamente na roda e o tempo todo precisei chamar a atenção de alguns deles que não paravam de brigar. Quando conseguimos reunir (quase) todos, chamei a monitora que estava na sala pra entrar na roda, mas ela não quis e saiu da sala sem retornar mais. Algumas vezes que olhei pra fora da sala e vi os monitores sentados no banco conversando, me senti mal. Estou examinando esse sentimento, pois não quero ser injusta com ninguém.

Eu e Dani ficamos pedindo silêncio por algum tempo e foi bastante difícil. Tive que aumentar meu tom de voz e dei uma “chamada” no grupo. Falei bem séria que daquele jeito não daria pra continuar, que eu e Dani estávamos tentando falar com eles pra explicar o que queríamos propor e que estávamos perdendo muito tempo chamando a atenção deles... e outras coisas mais!! Nesse momento, todos fizeram silêncio. Não durou muito porque logo que a Dani começou a falar com eles, várias crianças começaram a falar, a implicar, brigar..e voltamos a chamar a atenção deles quando uma moça apareceu na porta chamando para lancharem. Tentamos terminar a conversa sobre o que eles haviam colocado de sugestão pra Oficina mas não tivemos sucesso então liberamos as crianças.

Quando saíram todos, eu e Dani sentamos pra conversar e quase que ao mesmo tempo soltamos as duas: “Nossa!... caramba!!” “Meu Deus!!”. Começamos então a trocar idéias do que fazermos no retorno das crianças, pois tínhamos uma atividade planejada mas, naquele momento estávamos preocupadas em conseguir um mínimo de diálogo mais tranquilo com eles. Saímos um pouco e quando nos reunimos com as meninas, a Marta (diretora) veio nos avisar que a Cláudia (coordenadora do Integral) estava de licença por pelo menos cinco dias e nesse período ela é quem assumiria essa função. Falou que gostaria de marcar uma hora pra conversar com a gente, então a Juliana logo sugeriu que fizéssemos isso no mesmo dia quando concluíssem as atividades com as crianças. Em seguida, voltamos pra sala.

Estavam todos ainda mais agitados. Eu e Dani tínhamos pensado em fazer um relaxamento com eles na volta do lanche, mas acabamos desistindo. Mais uma vez, perdemos algum tempo tentando reunir as crianças. Algumas estavam lanchando e eu pedi para guardar o lanche e ir pra roda. Um deles me falou que não tinha lanchado, então eu falei que a hora do lanche era pra ele comer também e não só brincar. Sinceramente não sei se meu pensamento está muito rígido. Penso que posso sugerir pras crianças que ainda estão lanchando de terminarem e depois ir pra roda, mas também penso que esse movimento tumultua e dispersa a atenção do grupo.

Com bastante dificuldade, a Dani falou pro grupo que faríamos uma brincadeira de mímica. Conversamos durante a semana sobre as regras da brincadeira pois queríamos separar as crianças em pequenos grupos e que ficassem misturadas as séries. Conversamos a respeito da pontuação, decidindo que não usaríamos e acertamos os detalhes. Na hora, os meninos (6) disseram que não queriam brincar e queriam jogar futebol. A Dani falou que a gente poderia brincar de mímica e depois de futebol. Mas ainda assim eles não quiseram participar. Decidimos fazer então com as meninas e os meninos ficaram reunidos desenhando e as vezes circulando pela sala. Quando pedimos para formarem grupos de cinco, foi uma confusão. As meninas que já se conheciam, não queriam se separar e depois que misturamos os grupos, algumas se chatearam e decidiram não brincar mais. Tivemos então que conversar com elas e explicar que a Oficina era justamente para que elas tivessem esse momento de conhecer e fazer atividades com crianças de outras séries. As regras da mímica estavam baseadas numa roda de apresentação que faríamos anteriormente e acabou não acontecendo então decidimos na hora as regras com elas. Ficaram separados dois grupos e um por vez faria a mímica pro outro tentar adivinhar. Esse momento foi legal porque as crianças se reuniram e ouviram umas as outras na hora de decidir qual mímica faríamos. A Dani ficou em um grupo e eu fiquei em outro. Quando começamos a brincadeira, os meninos que estavam de fora começaram a tentar adivinhar a mímica que um dos grupos estava fazendo. Nessa hora eu falei pra eles que teriam que entrar no grupo se quisessem participar. Um deles acertou de primeira a mímica e as meninas não gostaram e isso tumultuou a dinâmica. Falei pra Dani depois, que acho importante termos algumas regras pra Oficina. Essa é uma delas, porque penso que fica muito bagunçado eles decidirem cada hora uma coisa e termos que estar o tempo todo

administrando. Acho importante pensarmos nas crianças que não querem participar de uma ou outra atividade. Hoje, também aconteceu que algumas meninas estavam dizendo que não queriam participar e eu falei que a escolha de ficar na Oficina de Corpo e Movimento tinha sido delas e perguntei se gostariam de mudar de oficina, então elas decidiram participar. Sem dúvida, essa dinâmica de participar ou não da atividade x, precisa primeiro estar mais clara pra mim e pra Dani, para conseguirmos passar isso pras crianças.

A Luana, da Oficina de Contação de Histórias, veio até a nossa sala e avisou que precisaria sair mais cedo e se poderia mandar algumas crianças pra que elas não ficassem sozinhas na outra sala. Na hora fiquei um pouco preocupada por ver a dificuldade que já estávamos tendo com o nosso grupo, mas depois a Luana me explicou que também levaria algumas pra Oficina de Perguntas e Idéias então concordei. Quando as quatro meninas entraram na sala, as do nosso grupo começaram a reclamar e disseram que não iriam mais brincar. Foi uma rejeição quase que generalizada. Vejo agora que, na hora que a Paula esteve na sala me avisando da vinda das crianças, eu poderia ter conversado com o grupo. Não pensei e também já estava muito difícil conseguir a atenção deles. Me aproximei de algumas meninas que estavam chateadas de braços cruzados e expliquei porque as meninas estavam ali. Argumentei que elas também iriam gostar de poder entrar em outra oficina se a de Corpo e Movimento tivesse que terminar mais cedo. Decidi na hora, não dar muita corda pra situação, coloquei as quatro no meu grupo da mímica porque já estávamos com menos crianças (pais e mães foram buscar) e com um “vamos lá pessoal.. vamos lá!” continuamos a atividade. Mais pro final, alguns meninos resolveram entrar no jogo e foi divertido. Eu e Dani decidimos parar o jogo porque já era 16h30minh e ainda tínhamos que arrumar a sala. Várias crianças saíram enquanto tentávamos reuni-los pra última roda. Acho importante esse momento para falarmos de coisas que gostamos e não gostamos e fechar, concluir aquele dia de oficina. Poucas crianças estavam na sala e só consegui dizer que tinha sido difícil pra mim e pra Dani conversar com o grupo naquela tarde. Que tínhamos programa algumas atividades pra fazer com eles, mas perdemos muito tempo pedindo a atenção deles. Outra questão foi que algumas crianças tinham falado anteriormente que queriam mudar de Oficina e eu disse que no final conversaríamos sobre isso. Trouxe o assunto e cinco crianças disseram que queriam mudar de Oficina (as cinco meninas que tinham ficado chateadas com a

vinda das outras crianças). Esse é um ponto importante porque vejo uma postura das meninas que diz; se não for do meu jeito, eu não quero. Como lidar com isso? Reconheço nesse ponto um desafio e também vejo que são aspectos que fazem parte da construção da Oficina e do grupo.

Nesse dia, também me chamou a atenção, quando o Márcio, monitor, veio até a porta chamar o Tiago pra ir embora. Me despedi dele e perguntei se ele gostaria de continuar na Oficina porque durante a tarde, tive que intervir em algumas brigas dele com outras crianças e várias vezes ele me falou que queria mudar de oficina. Falei que gostaria que ele permanecesse, mas que ele ficasse mais tranqüilo e participasse das atividades. Ele então me falou que iria ficar no grupo. Foi importante esse momento pra mim, porque durante a Oficina, exigiu um tanto de mim, chamá-lo pra conversar, fiz um esforço pra falar com tranqüilidade enquanto ele não queria ouvir e apertava minha mão. Algumas vezes desejei que ele saísse da Oficina de Corpo e Movimento, mas ali no final, veio uma voz interna me falando pra não desistir dele e foi o que aconteceu. Quando ele saiu da sala, o Márcio me perguntou se eu estava sabendo da situação do Antônio. Ele me disse que o Antônio toma o medicamento ritalina, tem problemas sérios com a família, não convive com outras crianças, apenas naquele período da escola, que já teve surtos muito fortes e precisaram de duas pessoas para segurá-lo. Por fim, me aconselhou a pedir ajuda se algo acontecesse, lembrando que eu evitasse segurá-lo pelo braço, mas que eu não o tratasse de forma diferenciada. Enfim, uma enxurrada de indicações e contra-indicações. Depois desse mini-relatório fiquei ainda mais feliz por não ter desistido.

Depois que a sala estava arrumada, eu e a Dani conversamos um pouco e depois nos juntamos às meninas que estavam sentadas nos bancos do pátio e esperamos a Marta (diretora) para conversarmos, a pedido dela. A Vitória nos avisou que a Marta estava nos chamando pra sala dela. Esse momento foi muito frustrante pra mim e fiquei realmente chateada pois ficamos todas de pé, em um semi círculo no canto entre a parede e a mesa dela, enquanto ela falava com a gente sentada na sua cadeira e outra moça também sentada do outro lado da mesa. Não tenho frescuras e logo me sentei no chão pra não dizer nada a respeito de nossa pequena reunião se aconteceria ali em pé depois de uma exaustiva tarde, pensando que certamente seria grosseira com minhas palavras. Peço desculpas por essa escrita e vou buscar meu jeito de digerir essa questão. O fato é que fazer um relato desses momentos me fazem reviver algumas emoções vividas.

Esse foi um dia que muita coisa aconteceu e apesar de tanto caos, angústias e alegrias, no mesmo dia já estava maquinando jeitos e novas formas de realizar a Oficina.

07 de maio de 2012

(Relato feito pela Daniele)

Percebemos que vários alunos demonstraram interesse pela dança e a música, através de seus desenhos elaboramos um planejamento que buscasse contemplar os desejos das crianças. Fiz uma lista de aproximadamente vinte minutos com variados ritmos nacionais e estrangeiros.

A primeira música foi “Abre que voy” cantada por Miguel Enriquez, uma salsa cubana composta por uma percussão energética e contagiante. Nosso objetivo era chamar atenção, e conseguimos. Primeiro usei o passo base da salsa para começarmos, depois passei para uma brincadeira em roda que batemos palmas com o colega de um de nossos lados depois com o do outro lado, como é feito nas rodas de salsa em que os casais interagem com outros casais. Eu não tinha intenção de ensinar eles a dançarem salsa, queria apenas que eles sentissem a música em seus corpos e se movimentassem, por isso, começamos a pedir que eles fizessem movimentos e nós copiáramos. Eles ficaram um pouco tímidos, principalmente os meninos, mas aos poucos se soltaram e nos guiaram também por alguns momentos.

A próxima música era do filme “Se ela dança, eu danço.”, mistura o ritmo do Hip Hop com a Música Clássica. Nós guiávamos quando ninguém queria criar um movimento e quando víamos alguém criando o seguíamos, os meninos gostavam muito da dança de rua, mas a maioria das vezes quem iniciava com novos passos eram as meninas.

Fran sugeriu que fizéssemos duplas, um seria a estátua e o outro seria o escultor. Esse poderia moldar sua estátua da forma que quisesse e teria que dar um nome a ela, depois inverteríamos as funções (nessa atividade a música foi “Amigo, estou aqui.” do filme “Toy Story”). Eles gostaram da brincadeira e repetimos por duas vezes, foi então que deixei a lista de música tocando e esqueci que em seguida seria a música “Dança com tudo.” que é o tema da novela das vinte horas da emissora de televisão Globo. O som rolou e as crianças foram ao *delírio*, cantaram, dançaram e pularam com o kuduro (ritmo que surgiu na Angola nos anos 90 e se espalha por diversos países conquistando inúmeros dançarinos). Crianças de outras

oficinas foram se juntando a nossa, tornando-nos um número enorme de integrantes. Quando a música terminou fizemos pausa para o lanche, mas as crianças não queriam que tivesse intervalo, queriam continuar dançando e comendo ao mesmo tempo, mas nós achamos que não seria adequado.

Ao retornar pedimos para que ficassem somente as crianças da nossa oficina, reduzindo bastante o número de alunos. Formamos uma roda, mas duas crianças não queriam participar, o menino dizia que estava cansado e a menina não dizia nada, Fran falou para eles que nós agora iríamos fazer um relaxamento, o menino apresentou um pouco de resistência, mas acabou indo para roda, já a menina não quis.

Pedimos que deitassem e fechassem os olhos, enquanto eu colocava uma música para relaxar a minha parceira contava uma história para as crianças. Ao terminar o menino que não queria participar por estar cansado, dormiu. Deixamo-lo dormindo e fomos montar o planejamento da próxima oficina com as outras crianças.

Mostramos uma cartolina para escrevermos todos juntos nosso planejamento. Iniciei explicando que nossa oficina começa às 14h30min e vai até 16h30min, a seguir questionei então quanto tempo teríamos de oficina. Eles ficaram um pouco confusos, mas tentamos aos poucos explicar, até que disseram que teríamos duas horas de oficina. Falei que deveríamos fazer o planejamento de acordo com as duas horas. Eles sugeriram que nós fizéssemos um relaxamento ao final, elegendo cada dia uma pessoa diferente para contar uma história durante essa atividade. Fran teve a ideia de contarmos histórias através de movimentos e elegemos essa atividade para ser a primeira do próximo encontro. Solicitaram dinâmicas com dança e música (hip hop e da novela “Rebelde”) e um aquecimento para iniciá-las. Depois minha parceira pediu pra que tivesse uma atividade surpresa que nós traríamos e por fim deixamos um tempo para elaborar, novamente, a aula seguinte e cinco minutos para organizar a sala.

14 de maio de 2012

Eu e Dani chegamos na escola às 14h:20min e depois de cumprimentarmos algumas professoras e monitores, fomos pra sala. O tempo de afastarmos as carteiras e trazermos a caixa de som, as crianças foram liberadas das atividades em sala com os monitores e vieram nos encontrar.

A Dani iniciou a roda com o planejamento que as crianças haviam feito na semana passada. Nossa primeira atividade era contar uma história usando mímica sendo contada por todos do grupo. Um de cada vez ia ao centro da roda e “contava” uma parte. Antes de começarmos expliquei a brincadeira com bastante dificuldade para falar porque as crianças não paravam de conversar e os meninos de implicar uns com os outros. Decidimos juntos as regras e algumas meninas levantaram a mão pedindo a palavra, mas logo ficou uma grande confusão com muitas falas misturadas. O Pedro sugeriu que fizéssemos a mímica em dupla e algumas crianças não concordaram inclusive eu e Dani que demos a palavra final. (Vi que as opiniões estavam divididas e muitos não se manifestaram então pensando que ficaria muito confuso a mímica de dois, consultei a Dani e decidimos deixar uma criança por vez. Acho difícil conseguir chegar num consenso com a turma quando esta é grande e já temos muita dificuldade para conseguirmos falar. Depois conversando com a Dani, vimos que esse é um tipo de atividade em que uma criança fica em movimento enquanto as outras não participam ativamente, proporcionando uma maior dispersão do grupo). Comecei a história e chamei uma criança para continuar de onde parei. Todas começaram a falar ao mesmo tempo tentando adivinhar quem estava no centro e isso causou uma grande confusão. Os meninos atrapalharam bastante porque não paravam de se bater, o que me fazia ter que chamar a atenção deles a todo o momento, além de falarem uma história que não tinha nada a ver com a mímica que estava sendo feita. Várias vezes pedimos para prestarem atenção para poderem continuar a história, mas não tínhamos nenhum resultado. Teve um momento que eu acabei tendo que dizer pra eles que se não parassem eu seria obrigada a chamar alguém da direção, mas que isso me deixaria muito chateada porque poderíamos resolver entre nós mesmos. (Fiquei bastante chateada com essa “chantagem” que me veio como única saída naquele momento e triste por ver minha falta de autoridade com eles). Os meninos pararam naquele momento, mas logo voltaram a atrapalhar a atividade. Teve um momento que senti termos perdido totalmente o controle do grupo, se assim posso dizer, e me vi obrigada a falar pro grupo, num tom bastante duro, que não poderíamos continuar as atividades daquele jeito. Pedi que eles sugerissem o que poderíamos fazer pra melhorar nossa Oficina e me sentei dizendo que daquela forma não daria pra continuar. Por alguns segundos tivemos um silêncio na sala e enquanto algumas crianças voltaram a conversar, uma das meninas veio do meu lado e falou no meu ouvido para eu colocar pra fora da

sala as crianças que não queriam colaborar. Pedi a ela que falasse pra todo o grupo sua idéia e perguntei depois o que eles achavam. Foi interessante porque os meninos que estavam atrapalhando mais na atividade, disseram que não concordavam com a idéia, algumas meninas concordaram e alguns se omitiram. Perguntei pro Luiz Henrique (primeiro a se manifestar) porque ele não concordava e ele respondeu que não daria para brincar. Falei pra ele que era exatamente o que estávamos tentando fazer mas não conseguíamos porque tínhamos que a todo momento chamar a atenção do grupo. Depois disso o grupo voltou a virar um caos e eu e Dani não conseguíamos a atenção de ninguém. Foi quando a moça que serve o lanche, abriu a porta e avisou que as crianças já poderiam ir lanchar. (senti um grande alívio e quando as crianças saíram, ouvimos da Wivian: (estudante da UnB que estava observando a Oficina) “Sorriam!” (quase fiquei chateada com o comentário, mas na hora ela falou que aquelas crianças não estavam acostumadas com aquilo e que antes estava na outra sala com eles e já estavam super agitados). Consegui lembrar também que estamos tentando construir algo que é novo pra eles (e pra gente) e, como disse o Pacheco: “não existem mudanças imediatas.” Um pequeno consolo para aquele momento.

Eu e Dani nos sentamos em frente à sala dos professores, esperando a hora do intervalo e a Júlia, monitora, veio nos perguntar se queríamos comer o biscoito oferecido pras crianças. Agradecemos e quando pedimos copo para beber água, ela lavou os copos e trouxe a água para bebermos. Foi muito atencioso da parte dela. Depois de algum tempo ela veio nos avisar que as crianças já estavam na sala. (Minha vontade era ir embora, mas é claro que respirei fundo e voltamos pra sala).

Quando cheguei na sala, a Wivian me perguntou se gostaria que ela fosse buscar as crianças que estavam do lado de fora e como demorei pra responder, ela disse num tom de brincadeira pra eu pensar rápido e respondi devolvendo a brincadeira: “Não!”

No planejamento, a atividade seguinte era um aquecimento sugerido pelo Caio que na hora ficou intimidado em participar então a Dani assumiu a condução. As crianças participaram legal dessa atividade seguindo as instruções da Dani e trouxeram sugestões e eu, fui falar com três meninos que estavam deitados atrás das carteiras onde ficam guardados os colchonetes. Chamei pra atividade e não quiseram ir, então disse que eles não poderiam ficar sem fazer nada. Eles então falaram que ficariam lendo e foram pegando alguns gibis e eu voltei pra atividade de

aquecimento. (Estou examinando essa questão, que já havia levado pro grupo em outro momento, pensando na fala do Pacheco no último encontro na FE, mas penso que as crianças podem cansar e não ter vontade de fazer nada, então como equilibrar isso?) A atividade de aquecimento fluiu bem e quando sentimos que o grupo estava dispersando a Dani colocou música. A Dani fez uma seleção das músicas e ritmos sugeridos por eles na semana passada. Ela explicou como aconteceria a atividade. Seria escolhida uma parte do corpo e todos deveriam dançar mexendo apenas aquele lugar mas dentro do ritmo e movimento de cada um. Assim as crianças mexeram cada parte do corpo e no final era uma grande mistura de tudo. Nas outras músicas íamos pedindo pra cada um sugerir um movimento e os outros imitavam. Tivemos grandes performances no grupo!!

Dando continuidade ao planejamento, chegou o momento do relaxamento então pedimos pras crianças deitarem no chão para ouvirem a história que a Dani iria contar. Fiquei algum tempo pedindo silêncio e tentando separar os meninos que ficavam se batendo. Quando a Dani terminou de contar uma bela história sobre a amizade de um menino e um jacaré, algumas crianças pediram pra contar também. Três meninas participaram e um dos meninos quis também mas acabou desistindo. Faltavam quinze minutos pro término da Oficina e eu e Dani preferimos não fazer com eles o planejamento das atividades pra próxima semana porque algumas crianças já tinham ido embora e prevíamos também mais uma cansativa tentativa de fala e atenção do grupo, além de que tínhamos ainda a sala para arrumar.

Por termos liberado um pouco mais cedo as crianças, eu e Dani ficamos algum tempo conversando sobre a tarde que tivemos, dividindo nossas impressões e pontos de vista. Temos muitos desafios e nessas horas vejo que é muito bom estarmos juntas nesse Projeto, podendo uma incentivar a outra. Depois de algum tempo, a Luana, da Oficina de Contação de Histórias se juntou à nossa conversa e trouxe elementos novos para pensarmos juntas. Contou que tinha trazido algumas atividades que o grupo poderia escolher, além de terem um espaço para sugerir outras atividades. Uma das crianças não quis escolher nenhuma das propostas da Paula e também não sugeriu nenhuma, então a Luana falou que @menin@ não poderia ficar sem fazer nada e deu como opção que el@ fosse pro pátio, brincar com os monitores e se não me falha a memória, a criança preferiu ficar na oficina. (Levantamos algumas questões, como por exemplo, os monitores oferecerem alguma atividade para as crianças que não querem participar nas Oficinas. Mas, isso

me traz reflexões porque talvez seja uma forma de desistir do desafio de integrar algumas crianças à Oficina e aí, também penso, aonde entra a vontade delas?)

21 de maio de 2012

(Relato feito pela Daniele)

Chegamos às 14 horas e 20 minutos para podermos organizar a sala, mas tivemos que esperar, pois outra colega da UnB estava fazendo uma atividade ali. Os integrantes da nossa oficina iam se juntando a mim, que estava próxima a sala. Alguns eram novos e diziam que queriam entrar nesta turma, perguntei de qual oficina eles eram e eles afirmaram que não participavam de nenhuma e que não vinham às segundas-feiras, porque o integral estava dividido, mas que agora ele voltou ao normal, de segunda a quinta para todos (fato que a direção não nos comunicou). Questionei se eles conheciam as outras oficinas e se era esta que eles gostariam realmente ficar, e eles disseram que sim.

Enquanto isso, Vitória (*oficineira* de Perguntas e Ideias) veio até a mim com um menino, integrante da minha oficina, que tinha pedido a ela para participar da sua turma afirmando que eu disse que ele poderia trocar. Respondi que não tinha dito isso e ele falou então que tinha sido a Fran, que estava mais afastada de nós. Decidimos que ele poderia mudar já que não estava satisfeito (ele era um dos meninos que não colaborava com a oficina, sempre desatento e brincando de luta com os amigos).

A sala foi desocupada e nós entramos para organizar as carteiras. Começamos com uma roda de conversa para apresentação dos novos colegas, falaram seus nomes, idades e séries. Notei que a faixa etária dos recém-integrantes era um pouco maior do que a dos antigos. Depois disso, seguimos para uma atividade que a Marize tinha me sugerido quando contei a ela sobre a necessidade que algumas crianças têm em brincar de luta. Expliquei a eles desta forma: faremos duplas, um dos companheiros terá que imaginar que seus pés estão fixados no chão por raízes. O outro tentará derrubá-lo, mas não poderá encostar-se a ele, através de movimentos com o braço. Devem inverter os papéis quando esse conseguir abalar o equilíbrio do seu par.

Assim fizemos, eles aparentavam estar gostando da atividade. Uma menina não queria fazer nada, eu perguntei a ela o porque. Ela afirmou que gostava da

oficina, mas que naquele dia não queria participar. Eu disse que se ela não estava disposta a participar naquele dia poderia ir para fora, como desejava.

Depois de um tempo a mesma menina retorna para sala com várias amigas, algumas eu nunca tinha visto, questionei-a por que tinha voltado se antes me pediu para não participar. Ela disse que não queria participar porque estava sem as amigas, mas como as amigas estavam ali, ela decidiu voltar. Eu não gostei, falei para ela que tínhamos feito um combinado, não era possível uma hora decidir não participar e em um segundo momento tomar a decisão contrária, afinal nós temos que arcar com as nossas decisões e atitudes. Contudo deixei-a ficar, mas com o compromisso de levar suas decisões a sério.

Seguimos para uma roda, questionamos quais atividades e brincadeiras relacionadas ao corpo e movimento que eles gostariam de fazer. Uma menina sugeriu *passanel*, mas grande parte do grupo não gostou da ideia por acharem que a brincadeira era muito infantil. Lembraram uma atividade feita na oficina de Teatração chamada Samurai que gostariam de fazer. Todos concordaram, com a exceção da estudante que sugeriu o *passanel*.

Tentei conversar e negociar com a menina, que estava acompanhada com uma amiga, mas ela não quis participar de forma alguma da brincadeira e sua amiga a seguiu. Disse que alguma coisa elas teriam que fazer, propuseram ler gibi e eu aceitei.

A acompanhante da menina viu que a brincadeira estava interessante e resolveu entrar, mas eu não aceitei porque no momento que eu tentei negociar ela tomou uma decisão de não querer participar, e eu respeitei sua decisão, mas não é possível ela mudar de decisão a todo o momento. Por isso, suas decisões devem ser pensadas e refletidas. A menina não gostou e ficou chateada, mas eu dei a oportunidade de escolha para elas, não impus nada em momento algum, faço isso para elas aprenderem que tomar uma decisão (possuir autonomia) não é fácil, é preciso ter responsabilidade e assumir as conseqüências de uma decisão.

O mesmo aconteceu com dois garotos. Eles não participavam da atividade porque preferiam ficar desenhando, então deixava-os desenhar. Eu senti que um deles queria participar das nossas atividades, mas a vontade em estar junto de seu amigo era maior, por isso não se juntava a nós. Pedi apenas que eles ouvissem o que íamos fazer para depois decidirem se participariam ou continuariam desenhando. Assim fizemos e eles cumpriram com nosso combinado.

Fizemos pausa para o lanche e voltamos com menos alunos, tínhamos 17 e fomos para 12, número que foi ainda mais reduzido com a aproximação do término da oficina. Alguns pais buscaram seus filhos mais cedo, outros saíram para brincar no intervalo e não voltaram nem nos avisaram.

Continuamos com uma atividade em que uma pessoaalaria um número ou uma conta que o resultado deveria ser o número de integrantes de cada grupo. Por exemplo, se a Fran escolhesse o número 3 teríamos que formar vários grupos contendo três integrantes cada. Eles propuseram que as pessoas que sobrassem deveriam sair da brincadeira até obtermos um vencedor. Nós concordamos, e repetimos a atividade por duas ou três vezes atendendo ao pedido deles.

Ao final sentamos em roda para organizarmos o planejamento da próxima aula. Eles escolheram e escreveram na cartolina as atividades que faremos e o tempo para cada uma delas.

Encerramos satisfeitas com o progresso deste dia, não é fácil, creio que aos poucos estamos conseguindo evoluir.

28 de maio de 2012

Cheguei na escola com a Dani, a Luana e a Vitória por volta das 14h:25min e fomos primeiro cumprimentar a Marta, diretora da escola, avisando que tínhamos chegado. Depois, eu e Dani fomos arrumar a sala para começarmos a oficina. Nenhuma criança tinha chegado então, fomos buscá-los. No planejamento feito na semana passada, a primeira atividade era a brincadeira “Morto-Vivo”, mas eu e Dani decidimos fazer uma roda no início para recebermos as crianças, conversarmos um pouco sobre o dia delas e também para falarmos sobre as atividades do dia. A Dani comentou comigo que a Ana, coordenadora substituta do Integral, pediu que anotássemos os nomes das crianças que estavam na oficina de Corpo e Movimento. Três novas crianças estavam ali pela primeira vez e algumas não estavam presentes. Pedimos então que cada criança falasse o seu nome seguindo a seqüência da roda enquanto a Dani anotava os nomes na cartolina. As crianças estavam bastante agitadas e algumas não paravam de se bater. Acabamos ficando muito tempo para fazer esse registro porque eu e Dani queríamos que as crianças escutassem umas as outras, respeitando o momento de cada uma falar. Pra isso, ficávamos chamando a atenção deles, pedindo que parassem e se concentrassem. É cansativo e desgastante pra mim e pra Dani, mas por enquanto não estou vendo

outra maneira de fazer. O que procuro fazer é observar e pensar se não estou sendo muito exigente com as crianças a esse respeito. Já consigo reconhecer em mim, uma tendência forte de querer um ambiente “calmo” demais para crianças nessa idade. Vejo o quanto preciso desconstruir isso, e bem rápido para me sentir melhor durante as oficinas e permitir que as coisas fluam melhor.

Finalizamos a roda e na seqüência fomos para a primeira atividade do planejamento, Morto-Vivo. As crianças rapidamente se dispersaram e então, demoramos para começar. A Dani ficou na frente dando “o comando” e eu fiquei mais afastada observando, como juíza. As crianças que iam saindo da brincadeira ficavam comigo. No decorrer do jogo, as crianças que estavam de fora, ajudaram a Dani a dar o comando. Foi interessante quando a Dani começou a dizer: “vivíssemos”, “mortíssemos”, “direita”, “esquerda”. Um dos meninos reclamou dizendo que estava ficando difícil e a Dani, sem demora, respondeu: “quer moleza, senta no pudim! Vamos lá, gente!”. Gostei desse jeito leve e divertido que a Dani lidou com aquela situação.

A próxima atividade no planejamento era o “futebol imaginário”. A brincadeira ganhou esse nome porque algumas crianças vinham pedindo para jogar futebol, mas eu e Dani conversamos e achamos que esse jogo teria mais um caráter recreativo, diminuindo nossa possibilidade de intervenção junto às crianças e também por privilegiarmos atividades que possam reunir todas elas. A idéia que tínhamos era de criar uma bola e jogarmos juntos usando o corpo em movimento e a imaginação. Fizemos uma grande roda com todos de mãos dadas. Aproveitando a ótima Oficina de Yoga e Arte que tivemos com a Sofia na semana anterior, chamei as crianças para se reunirem no centro do círculo, inspirando o ar ao fechar a roda e soltando o ar quando voltássemos a abri-la. Logo em seguida, a Dani convidou o grupo para “fazermos” a bola. Uma bola que começou bem grande. Um menino, falou para pintarmos a bola e perguntamos qual cor ela teria. As crianças iam dizendo as cores e seguramos as latas de tinta com as duas mãos e depois da contagem regressiva jogamos todos em cima da bola deixando-a colorida. A bola foi ficando menor moldada por nossas mãos o que fazia com que nos aproximássemos no centro da sala. Pedi para as crianças voltarem a formar o grande círculo e carreguei a bola para meu lugar na roda. Ela estava muito pesada e exigia um grande esforço para segurá-la. Assim, começamos a jogar a bola uns para os outros, usando várias possibilidades. Foi muito divertido! A Ana passou na sala e pediu que

ajudássemos a organizar as crianças pro lanche, colocando-as em fila fora da sala. Aproveitamos a roda para isso, pedindo que a criança mais próxima a porta seguisse pra fila do lanche, com as outras seguindo atrás.

No intervalo da Oficina, eu e Dani aproveitamos para sabermos com a Luana se um dos meninos da nossa Oficina poderia ir pra oficina dela, como havíamos conversado anteriormente. Ele gosta bastante de desenhar, então conversamos entre nósicineiras, para fazermos essa mudança, pensando no que agradaria mais a criança. A Luana foi super receptiva e inclusive mudou a atividade nessa tarde para atendê-lo. No final da Oficina, a Luana contou pra gente que, curiosamente, ele não quis desenhar quando ela sugeriu a atividade.

Retornamos pra sala e chamamos as crianças para sentarem novamente em círculo. Queríamos decidir com elas, qual atividade faríamos porque de acordo com o planejamento tínhamos para o retorno do intervalo, a “dança das cadeiras” mas não tínhamos conseguido fazer todas as atividades previstas para antes do intervalo. Colocamos a questão pro grupo e pedimos as sugestões deles. Nós logo oferecemos pra eles, de escolherem uma das duas atividades que estavam no planejamento. O que aconteceu é que o grupo ficou dividido então sugerimos de fazermos as duas atividades mas por um tempo menor e todos concordaram. Agora, avaliando esse momento, percebo claramente que começamos bem, levando a questão para ser pensada e discutida pelo grupo mas acabamos atropelando esse processo. Fui muito impaciente e apressada, pensando apenas em cumprir o planejamento e acabei me esquecendo que o mais importante ali era o diálogo entre eles, a possibilidade de pensarem juntos em soluções e alternativas. Enfim, fizemos um pouco disso, pedindo a atenção do grupo à fala de cada um, mas não aproveitamos bem o tempo que tínhamos. Vou estar mais atenta aos próximos encontros.

Começamos com a “dança das cadeiras”. Ajeitamos as cadeiras no centro da sala e a Dani foi quem cantou as músicas. Ela pediu que as crianças não ficassem falando alto pois ela não cantaria muito alto então precisavam de atenção e pouco som para poderem escutá-la. Mediamos algumas questões que apareceram no decorrer da brincadeira mas no geral foi bem divertido. Quando terminou, passamos à brincadeira do “Mestre mandou”. A Dani sugeriu que as crianças que gostariam de sair da sala (essa criança volta pra sala e tenta adivinhar quem é o mestre) tirassem par ou ímpar e logo um dos meninos sugeriu que uma de nós duas escolhesse

alguém para não demorar muito. A Dani então apontou um dos nomes na cartolina. Assim, seguimos com a brincadeira e apenas duas crianças puderam sair da sala porque ainda precisávamos fazer o planejamento da próxima semana. Ficamos por algum tempo pedindo a atenção das crianças sem nenhum resultado, então logo percebi que a Dani ficou em silêncio esperando e fiz o mesmo. Sentamos e não dissemos uma palavra. As crianças começaram aos poucos a ficar em silêncio e outras chamavam a atenção das que continuavam a falar.

Começamos o planejamento explicando que colocaríamos duas atividades antes e duas depois do intervalo e uma delas seria uma atividade surpresa trazida por mim e pela Dani. As crianças escolheram as atividades para a próxima semana, mas o processo dessa discussão foi difícil. Algumas crianças não paravam de conversar, então eu e Dani ficamos chamando a atenção e participação deles. No final, um dos meninos pediu para dar uma sugestão e eu não deixei, explicando pra ele que no momento que estávamos tentando fazer o planejamento ele era uma das crianças que não estavam querendo participar e não paravam de conversar. Disse também que no próximo encontro ele participasse do planejamento e colocasse sua sugestão de atividade.

Finalizamos, como de costume, arrumando a sala com a ajuda de algumas crianças.

Saí da escola com a sensação de frustração, mas quando sentei para escrever o relatório, pude ver que muitas coisas legais aconteceram hoje.

4 de junho de 2012

(Relato feito pela Daniele)

Nesta segunda-feira atendemos ao pedido de algumas crianças, fizemos a oficina do lado de fora da sala. Sentamos no pátio, em frente à nossa sala, e aos poucos formamos uma roda. Havia vinte e quatro crianças, nós iniciamos com uma conversa sobre o planejamento anterior para lembrar quais foram as atividades propostas.

A primeira era a queima-dança, sugerida por uma menina que não estava presente. Nós não lembrávamos ao certo quais eram as regras da atividade, mas outra integrante nos lembrou. A queima-dança é parecida com a queimada habitual, a diferença é que nessa só pode jogar a bola quando a música parar.

Minha parceira tentava organizar as equipes, enquanto eu arrumava o som. As crianças estavam muito dispersas no pátio, conseguimos dividir as equipes com extrema demora e dificuldade. Enfim começamos, mas durou pouco. Um grande número de jogadores se dispersou novamente. Por esse motivo, resolvemos cancelar a atividade e, voltamos para dentro da sala.

Sentamos em roda, algumas crianças resistiam ao nosso chamado. Eu resolvi me calar, aos poucos as crianças foram percebendo e se sentando ao nosso lado. Fran começou a falar quando obtivemos silêncio, disse o quanto estava chateada com a situação que havia ocorrido. Eu disse que não entendia por que eles pediam para entrar na nossa oficina ou para irem para fora se, quando nós atendíamos ao pedido deles, eles bagunçavam. Falei sobre o respeito que nós temos com a opinião e a vontade deles e a falta de respeito que eles estavam tendo conosco. Questionei qual solução eles tinham para esta situação, e eles disseram para tirar de sala quem não estivesse colaborando com a oficina. Nós questionamos se era necessária uma punição como essa para conseguirmos construir nossa oficina ou será que não teríamos outras formas. Fran afirmou que nós sabíamos o quanto eles estavam acostumados com essa maneira, mas que nós poderíamos criar outras formas para trabalharmos juntos. Pausamos a conversa e deixamos-os irem para o lanche.

Quando regressamos do intervalo, fizemos uma roda para brincar de adoleta. Ao final, fomos para o planejamento, eu achei necessário falar um pouco sobre os combinados. Iniciei dizendo o quanto era cansativo ter que chamá-los várias vezes para podermos começar nossas atividades ou sentarmos em roda. Perguntei qual solução poderíamos dar para isso. Eles resolveram se comprometer em fazer a roda ao chegar à oficina, pois sempre a iniciamos assim, e também em nos ajudar a arrumar a sala. Falamos sobre a questão da escuta e da fala. Eles afirmaram que vão colaborar mais com a nossa oficina.

Não deu tempo de fazermos o planejamento da segunda que vem, mas combinamos que faríamos no início da oficina seguinte.

O dia foi caótico mas acredito que os dois momentos de conversa com eles foram enriquecedores e necessários para os próximos encontros.

11 de junho de 2012

Quando chegamos na escola, eu e as meninas (Dani, Luana e Vitória) fomos recebidas com um grande sorriso pela Ana, coordenadora substituta do Integral.

Acertamos alguns detalhes como o uso da sala de informática, filme e som para utilizarmos nas oficinas. Tudo certo fomos até a sala da Laura, orientadora educacional e conversamos rapidamente sobre a organização e os preparativos da barraca da pescaria para a festa junina do dia 16/06.

Eu e Dani fomos pra sala “desarrumar” as mesas e cadeiras. Saí para buscar o som e quando voltava pra sala, várias crianças da Oficina Corpo e Movimento, me chamaram e disseram que queriam sair da oficina. *Levei um susto!* Falei num tom de brincadeira: *Que conversa é essa!!* E chamei todos para conversarmos na sala. Foi muito interessante porque as crianças estavam tão certos da vontade delas que sem muita demora estávamos sentados em roda conversando sobre a questão trazida por elas. Fiquei surpresa e feliz com toda aquela movimentação e atitude deles. Não deixei de ouvir uma voz dentro de mim que apontava um sentimento fracasso diante da colocação deles, mas não me apeguei e vejo que foi super importante pra conversar com eles.

Algumas crianças começaram falando que queriam sair da oficina e depois de perguntarmos o porque, começaram a falar todas ao mesmo tempo, então a Dani se colocou pedindo para levantar a mão quem quisesse falar. A conversa caminhou mais ou menos assim:

E: - Professora, a gente quer sair da oficina! Não é que a gente não gosta da oficina, mas é porque lá fora é mais legal.

Eu: - por que lá fora é mais legal?

E: - porque a gente pode fazer o que a gente quiser, pode jogar queimada, conversar, dançar vários ritmos diferentes.

Eu: - mas gente, quem é que faz o planejamento das atividades da oficina? (silêncio) São vocês que escolhem no final da oficina, quais as atividades que vão acontecer na semana seguinte. Vocês escolhem todas as atividades e eu e a Dani ficamos com uma atividade surpresa pra vocês. E qual que foi a atividade da semana passada? (silêncio) - Queimada com música.

V: - Lá fora é mais divertido!

E: - aqui na sala é quente, é abafado!

Eu: - Eu também acho! O que acontece gente: Semana passada a gente decidiu fazer a atividade no pátio e foi muito difícil porque vocês ficaram muito dispersos. Eu e a Dani não conseguíamos falar e reunir vocês porque ficava cada um pra um canto.

E: Ah não, é muito chato! ...

Eu: - Gente, deixa eu explicar uma coisa pra vocês: No Integral, vocês tem no período da manhã as aulas e à tarde não é um momento pra vocês ficarem à toa na escola, sem fazer nada.

Dani: - Não é porque aqui a gente tenta fazer coisas divertidas que não estamos aprendendo ou produzindo algo. O momento da manhã é de estudo, mas de tarde também! É uma escola só. A gente tenta fazer algo divertido mas aprendendo, estamos aprendendo a lidar com os outros, a tomar decisões coletivas, a escutar. Na recreação, lá fora, vocês podem até aprender, mas aqui nosso objetivo é a aprendizagem e não só o brincar por brincar.

I: - professora, eu não estudo mais aqui na escola mas eu vou começar a vir no Integral. Quando eu estudava aqui, sempre teve oficina de Corpo e Movimento e era muito legal. A professora fazia com a gente a atividade que a gente queria e depois a gente fazia uma atividade dela.

Eu: - como que você se chama? Então I, legal isso que você está falando. (expliquei novamente como acontece o planejamento de cada encontro, tentando mostrar que no nosso grupo eles também têm espaço para escolher as brincadeiras que querem).

Dani: - Eu acho que nós poderíamos atender ao pedido de vocês desde que se comprometam a fazer a atividade, escutando quando formos falar com vocês, porque nossa última saída não foi boa. Mas se vocês realmente fizerem o combinado que vão colaborar, nós podemos fazer uma atividade lá fora.

M: - Mas você disse que não iríamos mais sair.

Dani: - Eu disse, pois da outra vez foi muito difícil, mas se vocês se comprometerem nós podemos entrar em um acordo.

Momento de negociação. As crianças decidiram pelo “queima-senta”.

M: - professora, vamos lá pra fora primeiro porque depois do lanche, depois de comer vai ser ruim ir lá pra fora correr.

Eu: tudo bem então! (eu e Dani consentimos juntas com a cabeça)

Dani: gente, então está combinado?! A gente vai agora lá pra fora e depois do intervalo... Vamos então assinar o nosso Combinado? (burburinho... sim... não!)

M: professora, parece fichamento!

Eu: - Vixi, é mesmo?

Dani: - ...então, vamos deixar?! Vai demorar...

Crianças: Vamos! Vamos!

Fomos todos para o pátio de fora num clima muito gostoso. Chegando lá, algumas crianças pediram para sairmos da escola e brincarmos no gramado. Fui perguntar para Ana (coordenadora substituta do Integral) e ela falou que não tinha nenhum problema. Apenas deveríamos lembrar de contar as crianças que estavam saindo com a gente. Pedimos que formassem uma fila na saída e logo outras crianças que não eram da oficina, pediram para sair com a gente. Acho muito chato ter que dizer não num caso desses, mas já estávamos com dezenove crianças e eu e Dani tínhamos decidido anteriormente, não abrir exceções e pessoalmente quis manter o mesmo grupo que esteve junto naquele momento super rico de conversa na sala.

Estávamos caminhando pro gramado, já do lado de fora da escola, quando vi três crianças que não eram da oficina. Fui então falar com o Márcio (monitor) que anteriormente estava com a gente ajudando a organizar as crianças em fila. Ele me disse que aquelas crianças tinham dito pra ele que eram da oficina e ele me pediu então para escrever o nome das crianças que estavam na nossa oficina. Falei que estava difícil fazermos isso porque cada semana haviam novas crianças no grupo. Ficamos algum tempo conversando em torno desse assunto e depois ele chamou outra aluna para voltar com ele. Ficou um clima muito chato de acusações com algumas crianças dizendo que ela não era da oficina e levamos algum tempo para resolver a situação. Falei pro Márcio que ela é da oficina e depois perguntei à ela porque não estava na sala no início. Explicou que estava na aula de italiano e que a Júlia (monitora) disse pra ela ficar ou esperar no pátio (não entendi bem). O Márcio então voltou com ela e disse que ia confirmar a história com a Júlia e caso fosse verdade ela poderia voltar. Me senti mal com essa situação. Depois que o Márcio voltou com a Luísa, ele veio me falar que as crianças estavam dizendo que queriam sair da oficina porque queriam ficar na informática, mas que eu não deveria deixar porque eles já tinham na semana um dia pra isso. Expliquei que eu e a Dani estávamos ciente disso mas que estamos conversando com as crianças pra que elas possam assumir as escolhas delas e mostrar que somos todos responsáveis pela oficina. Enfim, começamos o queima-senta. Foi super divertido. Fui aos poucos entendendo as regras do jogo. Começa com duas bolas que são lançadas pro alto. Não existe divisão de dois times como os jogos tradicionais de queimada. Todos espalhados pelo gramado. Os dois que primeiro conseguirem pegar as bolas,

começam tentando queimar alguém, mas não podem sair do lugar. A pessoa queimada tem que se sentar e pode se salvar, se conseguir queimar alguém que está em pé ou se conseguir tocá-la. O jogo é muito rico porque trabalha com a atenção, duas bolas que partem de um lado a outro, a agilidade do corpo para conseguir escapar da bola e também para tentar acertar alguém. Trabalha com a parceria porque as vezes é preciso duas ou mais pessoas para conseguir queimar uma outra, ou quando uma voz amiga avisa para escapar da bola. Esse exercício de pensar sobre a atividade pode ser feito junto com as crianças. Refletirmos juntos de que forma trabalhamos o nosso corpo com relação a determinada atividade. Quais as possibilidades que o jogo nos oferece? Podemos criar juntos novas “brincadeiras”. Fiquei muito feliz por ver esse movimento de desconstrução e reconstrução que surgiu a partir da sinceridade das crianças em falar que não estavam gostando da oficina e a abertura e acolhimento que eu e Dani tivemos ao ouvi-las, ao colocar também o nosso ponto de vista.

Na hora do intervalo o Márcio veio nos chamar e falou que podíamos ficar mais cinco minutos porque já tinha uma fila de crianças para receber o lanche. Fiquei com a Dani, circulando pelo pátio quando algumas crianças vieram nos falar que não puderam comer. Fomos então com elas para falar com a moça que distribui o lanche. A moça começou a reclamar com as crianças dizendo que já tinha sido avisado que o lanche era servido às 15:30 e então, elas explicaram que chegaram mais tarde porque o Márcio deixou que jogassem por mais cinco minutos. Estava ali com a Dani mas não podíamos intervir. A moça depois pediu que o Márcio fosse falar com a Marta (diretora) e só depois daria o lanche para as crianças. Mais uma situação desagradável. Me senti num quartel militar.

Terminado o intervalo, aos poucos as crianças entraram na sala. Ficamos algum tempo chamando as crianças para sentarem na roda e da maioria ouvi: *Ah, não tia!!!*

Fizemos com eles, três vezes um rápido exercício de inspirar e soltar o ar relaxando e encolhendo o tronco. (inspirada na oficina de loga da Sofia). Em seguida, fui tentar explicar a atividade que faríamos. Acho que esse momento pode ser resumido: Simplesmente não conseguia falar porque eles não paravam de conversar, brincar, implicar etc. Depois de muito custo, fui colocar a música para fazer a atividade com os balões e o som não funcionava. Resolvi então ir buscar outro som e quando fui colocar play, ele também não funcionou. No final, a turma

estava um caos, todo mundo se batendo com os balões e quando vimos faltavam quatro minutos pra terminar a oficina. Fico até com vontade de rir, escrevendo agora o relatório. Algumas crianças já tinham ido embora e nos reunimos rapidamente para fechar com o grupo que ainda estava na sala. Falamos pra eles da nossa “chateação” por não termos tido a colaboração deles para explicar a atividade que tínhamos preparado e também falamos da nossa alegria pelo momento que tivemos juntos antes do intervalo e que o jogo no gramado tinha sido muito divertido. Dissemos também que no próximo encontro, teremos de novo um momento lá fora e uma atividade trazida por nós.

Depois, conversando só com a Dani, decidimos pra semana que vem, trocar a ordem das atividades. Fazer primeiro a atividade que levaremos para o grupo e depois do intervalo sairemos com eles. As crianças não fazem uma refeição pesada na hora do lanche o que não seria um empecilho para correrem e no primeiro tempo elas também estão menos agitadas.

Apesar de não termos conseguido realizar a atividade que tínhamos programado, muitas outras coisas maravilhosas aconteceram nesse dia. Vamos em frente!!

25 de junho de 2012

(Relato feito pela Daniele)

Chegamos e fomos para nossa sala, enquanto Fran permaneceu nela, com algumas crianças, eu fui chamar o restante. Comunicamos aos integrantes que faríamos a atividade no gramado, já que eles preferiam, e pedimos a colaboração deles.

Encaminhamo-nos para lá, fizemos uma roda e eu comecei explicando. Iríamos inicialmente marchar contando um, dois, três e quatro. Contudo só contaríamos o número quando batêssemos com a perna direita no chão. Fizemos isso por alguns instantes, depois eu acrescentei dizendo que continuaríamos marchando, mas no “um” bateríamos palmas. Fizemos e às vezes eu intervinha com alguns ajustes. Dei continuidade com o número dois batendo a mão direita na perna direita e depois o três permaneceríamos em silêncio. Alguns tinham um pouco de dificuldade esquecendo que no “três” faríamos silêncio, mas normal. Pedi para que me dissessem o que fazer no “quatro”. Um dos meninos sugeriu que cruzássemos os braços. Continuamos nossa seqüência com o novo movimento. Vi uma menina

fazendo movimentos muito legais e chamei a atenção para que nós aproveitássemos o que ela fez. Era da seguinte forma: No “um” abrimos as pernas, no “dois” cruzamos, no “três” abrimos novamente, no “quatro” tocamos o chão, no “cinco” levantamos a cabeça... Terminamos de montar os movimentos até o número oito da primeira e da segunda seqüência e depois emendamo-las.

Fran pediu para que eles inventassem uma brincadeira que tivesse movimento presente. Eles ficaram um pouco dispersos até que decidiram brincar de pique-bandeirinha. Um menino e uma menina dividiram as turmas com muita dificuldade, nós decidimos não interferir para que eles pudessem se organizar, ainda que demandasse um bom tempo. Depois de muita discussão sobre como dividir os times, enfim conseguiram se organizar. Começamos mas logo tivemos que parar para lanchar.

Quando voltamos do lanche, tive uma conversa com eles. Expliquei que seria meu último encontro desse semestre, pois o próximo (que será o último dia do integral antes do recesso) eu não poderei ir. Agradei pelos momentos que estivemos juntos, mas que no semestre que vem eu iria continuar com eles. Pedi para que tirássemos uma foto de recordação e fossemos para o gramado brincar de queima-senta.

A brincadeira começou e o P bateu na E, fui falar com o P. Ele apresentou muita resistência pra falar comigo, dizia que eu não via quando batiam nele, mas sempre que ele batia em alguém, eu via. Conversei com ele, dizendo que eram muitas crianças e eu não podia ver todos ao mesmo tempo, mas que naquele dia mesmo eu tinha visto outro colega batendo nele e tinha intervido. Pedi pra que ele fosse conversar com a E, falar pra ela que ele não estava gostando, pedir para ela parar de bater e se comprometer a não brigar também. Outro colega se aproximou de nós falando para o P ir falar com a E, para refazerem a amizade, pois não tinham o porquê de ficarem brigados. Chamamos a E, ela pediu desculpa e ele também. Achei incrível a consciência do colega que veio me ajudar, ele contribuiu muito para reaproximação dos dois.

Voltei para brincadeira depois dessa intervenção, percebi que algumas pessoas se uniam para queimar outras, mas as uniões também se dissolviam formando novas. Foi bem divertido! Eu corri um “bocado” e as crianças também!